

***1/2 estalo***

# *1/2 estalo*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Centro de Tecnologia e Ciência  
Escola Superior de Desenho Industrial

Diana de Oliveira Dias

Orientadora: Noni Geirger

Rio de Janeiro  
Dezembro, 2014

I remember as a child loving all the sounds  
, even the unprepared ones. (CAGE, 1961, p. 116)

## **agradecimentos, gratidão, valeu**

O maior conjunto que compõe esse projeto é o de pessoas que participaram e me ajudaram. Direta ou indiretamente, todos eles transformaram um pouco o que eu tentei fazer.

Agradeço à minha orientadora, Noni Geiger, por todas as conversas. Aos professores, Zoy Anastassakis e Pedro Luiz Pereira de Souza, pelos sempre pertinentes comentários. À disponibilidade, generosidade e ajuda constante de Fernando Reizel. À Silvia Steinberg, por suas aulas que tive o prazer de acompanhar como monitora esse ano. À Denise Fillipo, pelos conselhos e empréstimos. Ao Caio, por todas as discussões, esclarecimentos técnicos e objetos emprestados. Ao meu primo, Matheus, por carregar minhas tralhas para cima e para baixo e por ter salvo o *estalo* atropelado (por um ônibus). À minha madrinha, Ana, pela TV, pela mesa e pela prontidão. À Sophie McManis, minha diretora de fotografia. Aos meus amigos e colegas de turma, que dividiram tantos momentos de felicidade e angústia comigo, e por serem ótimos co-orientadores, em especial Andrea Pech, Eeve Avila, Fernando Chaves, Flora de Carvalho, Ísis Daou, Lucas Pelegrineti, Tiago Lombardi e Valquíria de Castro.

De coração, de corpo inteiro, meu muito obrigada aos meus pais. Pai, ainda bem que você guardou o rádio antigo da minha vó, a madeira do armário velho, todos os eletrônicos do seu curso no início dos anos 1990, e que bom que você me deu aquele kit junior. Mãe, por favor, não pare nunca de indicar livros para eu ler e de ser esse exemplo em tudo que você faz.

À todos os anônimos que ignoraram, ouviram, viram, tocaram e mergulharam nos *estalos*.

Obrigada!

## **resumo, sinopse, encurtamento, atalho**

*1/2 estalo* é um projeto que se faz por conjuntos. Há um conjunto de desejos que permeia toda sua trajetória, desejos de transformação. Ele aglomera as noções de ensaio, heterotopia e dispositivos de Foucault e Deleuze para pensar as práticas envolvidas em seu processo. Estas se materializam numa série de três objetos sonoros interativos, que se acionam quando colocados em espaços públicos de circulação. A tentativa aqui é criar a possibilidade para momentos de aberturas em rotinas cotidianas. Esses momentos foram registrados em forma de vídeo. Este relatório une todos esses conjuntos; desejos, conceitos, referências, práticas, registros e reflexões.

Palavras-chave: heterotopia, dispositivo, som, registro, espaços públicos de circulação.

## **abstract, synopsis, curtailment, shortcut**

*1/2 estalo* is a project that sets itself by collections. There is a collection of desires that crosses through all its course, desires for transformation. It gathers the notions of rehearsal, heterotopia and devices from Foucault and Deleuze to think practices involved in its process. They emerge as a series of three interactive sound objects, that get switch on when put on public spaces of circulation. The attempt here is to create the possibility for moments of openings in routines. These moments were recorded on video. This report unite all these collections, desires, concepts, references, practices, records and reflections.

Keywords: heterotopy, device, sound, record, public spaces of circulation.

<b>agradecimentos, gratidão, valeu</b>	<b>4</b>
<b>resumo, sinopse, encurtamento, atalho</b>	<b>5</b>
<b>introdução, anunciador, guia</b>	<b>7</b>
<b>tema, indicação, assunto, ponto de partida</b>	<b>8</b>
<b>aproximação, prática, ensaio, repetição</b>	<b>9</b>
<b>desperdício, acúmulo, encanto, som</b>	<b>12</b>
<b>descontinuidade, acaso, heterotopia</b>	<b>14</b>
<b>dispositivo, materialidade, presença, tempo</b>	<b>18</b>
<b>construção, oficina, reiszal</b>	<b>19</b>
<b>rua, interrupções, inesperado</b>	<b>38</b>
<b>tiro de misericórdia, dia do juízo final, ARREMATE</b>	<b>48</b>
<b>conclusão, paradeiro, prole, sobremesa</b>	<b>58</b>
<b>referências bibliográficas</b>	<b>59</b>

## introdução, anunciador, guia

Durante todo o ano, eu não parei de pensar sobre o *1/2 estalo*. Por isso, tenho uma coleção de referências, reflexões e relatos. Usei 4 cadernos, fiz um blog, li mais livros do que em todos os outros anos de faculdade somados, conheci novos artistas, descobri mais sobre outros, filmei meu processo, gravei o áudio, tirei fotos. Por isso, este relatório é uma espécie de colagem. Existe o texto próprio do relatório que interliga todas as partes (como essa parte que você está lendo agora). Mas há também: citações de terceiros retiradas de textos, entrevistas e afins; os textos escritos direto no blog ([meioestalo.tumblr.com](http://meioestalo.tumblr.com)) que entram em diversos momentos como janelas de reflexões sobre conceitos, acontecimentos e decisões; imagens, vídeos e áudios que registram momentos de múltiplas naturezas do processo.

Os capítulos se estruturam de forma mais ou menos linear. Partindo de pontos iniciais de conceito e estruturação de uma ideia para o projeto final e se desenvolvendo em ações práticas e reflexivas. Os títulos dos capítulos foram escolhidos de forma bastante similar, mas também oposta, a escolha do nome do projeto, por um agrupamento de palavras.

22 de setembro, 2014. às 10:23

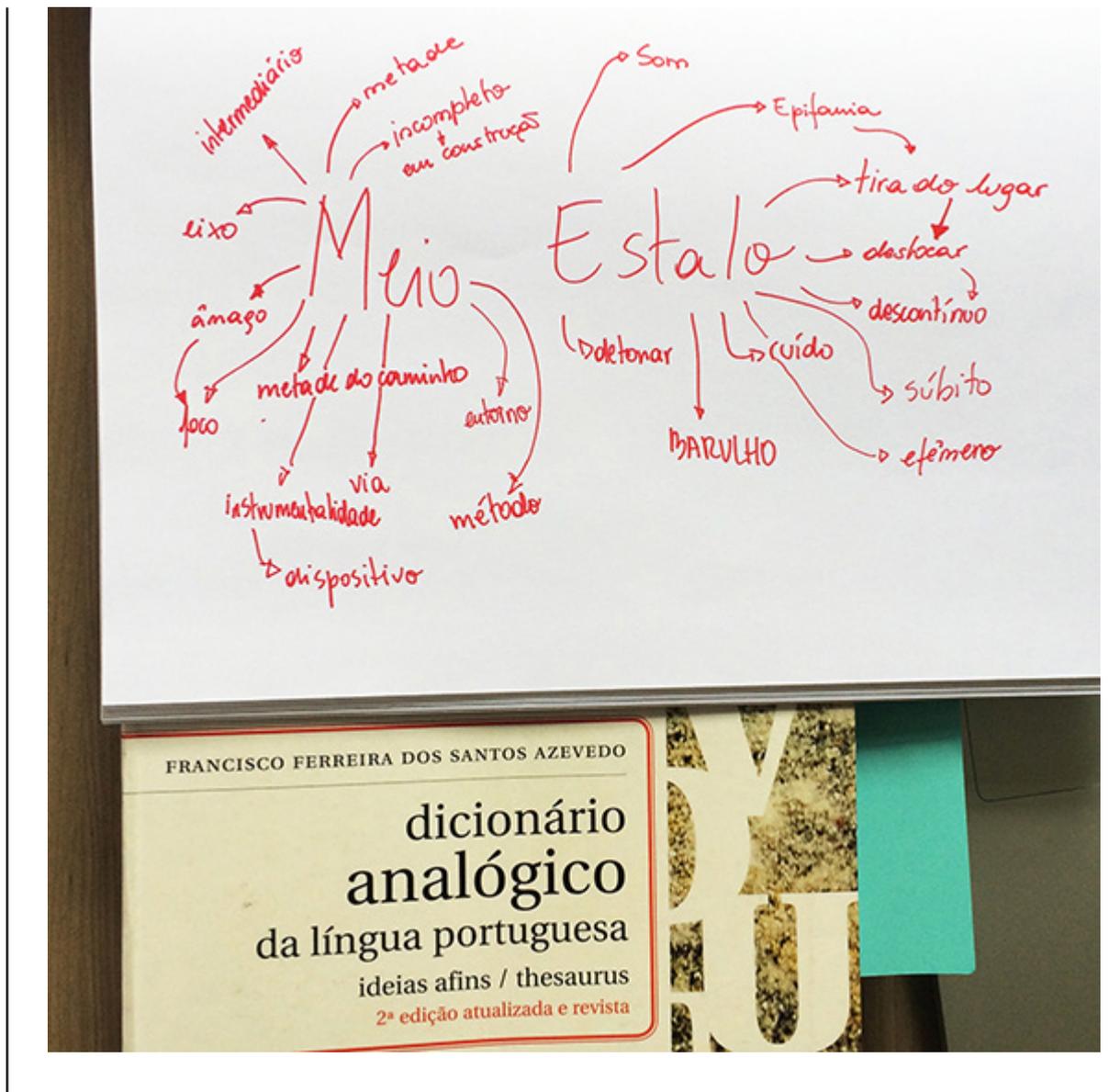
### Nome e Sobrenome

Muitas vezes acho mais fácil definir por semelhança e diferença. Escolher o nome desse projeto se deu nessa direção. Eu sabia um monte de elementos e características que o colocavam de pé, meio bambo, mas de pé. Fui atrás de palavras análogas e ideias afins a essa estrutura que tinha construído e cheguei a *meio* e *estalo*.

*Meio* ( $1/2$ ,  $34/68$ ) é metade, é dizer que está incompleto, é estar na metade do caminho, é intermediário, é um eixo, é o âmago, o foco, é entorno, é método, é via, é instrumentalidade e é dispositivo.

*Estalo* é som, é ruído, é barulho, é detonar, é tirar do lugar, é descontinuar, é deslocar, é súbito e é efêmero.

De alguma forma, acho que *1/2 estalo* é um bom nome para o que estou ensaindo.



### tema, indicação, assunto, ponto de partida

O projeto final foi um dos poucos momentos na minha vida acadêmica esdrasiana em que eu tive que desenvolver por completo um projeto e ainda por cima por conta própria. Essa liberdade assusta e motiva. Mas posso dizer que era exatamente o que precisava para iniciar o  $\frac{1}{2}$  estalo. Recebemos como ponto de partida um texto escrito pelo professor Pedro Luiz Pereira de Souza. Este definia de forma ampla um tema para o quinto ano de 2014. As primeiras semanas foram cheias de encontros entre toda a turma e os professores-orientadores Noni Geiger, Pedro Luiz Pereira de Souza e Zoy Anastassakis. Nessas semanas, discutimos ideias de cada aluno sempre retornando para os pontos abordados no texto. Para aproximar do  $\frac{1}{2}$  estalo destaco a seguinte passagem:

'A ideia seria propor políticas de silêncio e de ausência, no sentido de não continuar povoando a Terra com o lixo que tanto criticamos quando pertence ao outro e que não vemos ou não ouvimos quando deveríamos considerá-lo nosso. Essa, bem levada a cabo, seria uma tarefa ao mesmo tempo política e poética: fazer ouvir o inaudível e dar visibilidade ao que não é visto' (SOUZA, 2014, p. )

Mas do que tudo, o texto me fez pensar sobre a forma como queria conduzir o meu processo de um projeto final. E relativizar o que era que eu gostaria de alcançar com esse trabalho. No dia que eu falei em sala de aula disse algumas coisas que se desenvolveram e acabaram por compor o *1/2 estalo*.

"Desde que eu li o texto do Pedrão eu passei a pensar na forma como eu queria conduzir o meu processo mesmo. E me interessa mais criar durante esse um ano muitas pequenas experiências sobre um mesmo tema. Do que me preocupar em fazer alguma coisa grande, e... não sei, mais solucionadora de alguma coisa."

"Meio que nessa linha, eu gostaria de fazer alguma coisa que trata um pouco dessas banalidades. E de coisas que são talvez um pouco naturalizadas, que a gente faz e não percebe e por aí."

"De um tempo para cá eu tenho... Eu nunca fiz nada realmente, mas eu tenho me interessado em trabalhar com som. Eu acho que seria uma forma interessante de lidar com isso (as banalidades). Uma coisa que me estimula a trabalhar é não conhecer a técnica ou a mídia e explorar também o que eu não sei fazer. Como é que isso também influencia o meu trabalho?"

transcrição da minha fala em sala, faixa *falando\_saladeaula* no dvd em anexo.

De uma maneira bastante vaga, mas de alguma forma também muito precisa, tudo que eu disse na primeira vez que falei publicamente sobre os meus desejos para esse projeto final se manteve e em alguma medida se concretizou. Nessa fala encontro os pilares teóricos e práticos que sustentam o *1/2 estalo*, as noções de ensaio, heterotopia, dispositivo e o som.

### **aproximação, prática, ensaio, repetição**

Meu projeto final se inicia pelo questionamento da minha maneira de produzir. No geral, os trabalhos se iniciam como um problema e o desenvolvimento se dá na busca de uma solução. Os objetivos do *1/2 estalo* nunca foram resolver uma situação. A meta é, antes de tudo, problematizar, questionar formas de fazer, tanto as minhas próprias quanto dos possíveis espectadores deste projeto. Dúvida, pensamento, problematização e transformação estiveram presentes em todas as etapas deste projeto.

“O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá sentido; é sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins.” FOUCAULT, 2006, p. 231

Meu objeto de estudo é também minha forma de fazer. *1/2 estalo* se constitui como ensaio, uma obra em transformação, que não quer se apropriar apenas do outro, mas se transformar ao longo do processo.

11 de setembro, 2014. às 00:42

## Dúvida

Não sei. Se eu parasse para contar, essa seria, possivelmente, a frase que mais falo em um dia. A dúvida anda sempre comigo. Pouquíssimas são as situações em que tenho certeza do que estou fazendo. Essa incerteza é meio medo, meio coragem. Ao mesmo tempo que existe sempre um receio de me expor, há também, e são cada vez maiores, uma força e curiosidade que o não saber produz em mim.

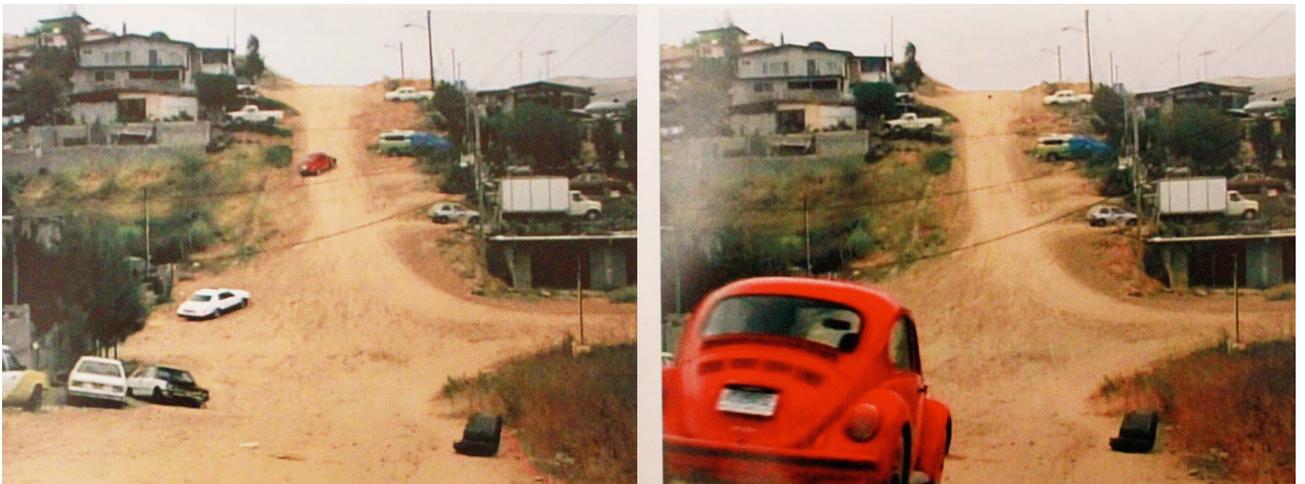
O percurso deste projeto final foi guiado por essa certeza de não saber. Talvez guiado não seja a melhor palavra. Uma direção única iria um tanto contra sua essência, mas a noção de incerteza foi definidora em múltiplas instâncias.

No que diz respeito ao processo, estabeleci de início que, por conta de seu caráter experimental, este seria um trabalho-ensaio. O ensaio é, para Foucault uma “experiência transformadora de si mesmo e não como apropriação simplificadora de outrem”. O que se traduz em uma pesquisa que dá valor à experiência ao invés de partir de aprioris. O desafio é abraçar a mudança constante. Isto é, não há nenhuma fórmula para conseguir resultados X ou Y neste trabalho. As transformações do próprio projeto vão ocorrendo de acordo com percepções

tiradas de seu percurso. Esse blog é um exemplo disso. Em dado momento, senti a necessidade de um espaço de diálogo e circulação de ideias e conteúdos diversos que atravessam o projeto. Sentar e escrever questões que tenho pensado sobre o projeto é também essencial para dar continuidade ao que venho produzindo.

Tomar a produção do *1/2 estalo* como ensaio me influenciou em escolhas estéticas e metodológicas do projeto. Iniciar o blog foi uma maneira de cartografar meu processo. De criar um espaço onde podia registrar de uma forma aberta pensamentos que rodearam o trabalho.

A vontade de trabalhar como ensaio foi influenciada por obras de Francis Alÿs. O artista belga que vive no México, produziu alguns vídeos nos quais seus sujeitos realizam 'tarefas infinitas': um fusca sobe uma ladeira, mas nunca consegue chegar ao topo; uma criança chuta ladeira acima uma garrafa vazia; um cachorro corre para buscar um frisbee. Quando vi a exposição, me lembro de ler em um dos textos que acompanhavam os trabalhos, escrito pelo próprio artista, que aqueles sujeitos eram felizes nas tarefas infinitas que eles se propunham a cumprir.



Francis Alÿs em colaboração com Raphael Ortega, *Rehearsal I* (El Ensayo), Tijuana, 1999–2001.

## **desperdício, acúmulo, encanto, som**

Ensaiai requer a repetição e a reflexão sobre o que foi feito, uma análise constante da experiência. É uma forma de aprimorar um olhar voltado para o menor. Um olhar que apanha desperdícios.

### **O apanhador de desperdícios**

*por Manoel de Barros*

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim um atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios

Assim, chego a outro ponto de interesse de *1/2 estalo*, gestos, ações e especialmente barulhos cotidianos que não nos damos conta e que passam despercebidos. Eu gosto de barulhos. Gosto de prestar atenção a eles bem de perto e repetí-los na minha imaginação. Acho que foi daí que surgiu meu interesse em trabalhar com o som.

## lente de aumento

Existem algumas coisas que me fascinam de imediato. No geral, são sensações e não objetos palpáveis. O som entra nessa categoria de encanto. No caso, me refiro aos barulhos das mais diversas coisas e não à música propriamente. O chacoalhar da água dentro da garrafa, os *estalos* do plástico da garrafa, o arrastar do papel ao virar o caderno de página, a caneta que desliza escrevendo sobre a folha. Quando me permito escutar, esses ruídos são uma espécie de lente de aumento. Mesmo que fora do meu campo de visão, imagino os elementos em ação produzindo aquele movimento sonoro distinto. A repetição, mesmo quando não é efetiva, ocorre na minha sensação sonora.

O som, como qualquer outra mídia, possui características físicas próprias e a manipulação destas pode ser feita de inúmeras maneiras. Na obra *I'm sitting in a room* (1969), Alvin Lucier se grava falando um texto descritivo da própria obra em uma sala específica. Esta gravação é tocada e regravada no ambiente inúmeras vezes. As características da sala em questão influenciam a transformação que ocorre no som, a cada regravação as frequências ressonantes da sala se acentuam e o discurso inicial desaparece pouco a pouco. O artista faz uso de aspectos físicos do som e do ambiente para desconstruir as irregularidades de sua fala. Ele era gago.

I am sitting in a room different from the one you are in now. I am recording the sound of my speaking voice and I am going to play it back into the room again and again until the resonant frequencies of the room reinforce themselves so that any semblance of my speech, with perhaps the exception of rhythm, is destroyed. What you will hear, then, are the natural resonant frequencies of the room articulated by speech. I regard this activity not so much as a demonstration of a physical fact, but more as a way to smooth out any irregularities my speech might have. *Texto de I'm sitting in a room, Alvin Lucier (1969)*

## descontinuidade, acaso, heterotopia

Interrompi sem concluir o último capítulo, porque quero falar agora do artista que une som, descontinuidade, acaso e tantas outras coisas. John Cage me ensinou muito esse ano. Durante sua visita ao Brasil, em 1985, Cage respondeu a um jovem sobre as motivações de seu trabalho

"Not to express, but to change myself." [Não faço para me expressar, mas para mudar a mim mesmo] CAGE, 2013, p. 11.

Um dos objetivos que tenho com *1/2 estalo* era este, transformar a mim mesma. Ler, ouvir e ver John Cage sempre me ajudou.

23 de setembro, 2014. às 11:27

### João Gaiola

Desde que esse projeto começou, eu tenho visto e lido um monte de coisas sobre o John Cage. Ele foi um compositor e músico americano que nasceu no mesmo dia que eu. Informações de wikipedia à parte ([http://en.wikipedia.org/wiki/John\\_Cage](http://en.wikipedia.org/wiki/John_Cage)), o fato é que seu trabalho envolvendo o acaso e sua maneira de pensar são totalmente fascinantes para mim.

Eu já não sei dizer quantas vezes assisti ao vídeo em que Cage ensina a fazer a sopa que nunca acaba (<https://www.youtube.com/watch?v=Vxolqo1Urfs>) ou sua entrevista sobre silêncio e música. (<https://www.youtube.com/watch?v=U70oVXzbV2Y>). São falas como as do som atuante e da não necessidade de um significado por trás de tudo que me fizeram admirá-lo em um primeiro momento.

Mas mais do que tudo, acredito que John Cage me mostrou o valor da descontinuidade.

"Agora chegamos ao tema da descontinuidade em relação ao compromisso. Digamos que eu tenha um compromisso. Digamos que alguém me interrompa enquanto trabalho. Se eu permito (que

foi o que eu fiz quando fui concebido), então eu entro na descontinuidade. Naturalmente, eu posso dizer: 'Não, não me aborreça', perdendo, assim, a oportunidade de renascer" (trecho do livro *De segunda a um ano*).

Fazer as coisas do início ao fim é um desafio. Acho que tem um tempo que comecei a entender que as interrupções podem ser muito proveitosas, e *1/2 estalo* vem se compondo mais pelas suas interrupções do que pelos momentos de continuidade.

Outra coisa que devo a John Cage foi ter me mostrado o incrível mundo dos programas de TV da década de 1950. Muito obrigada! <https://www.youtube.com/watch?v=B9vvrSyAPuw>

Cage mostra uma enorme abertura para fatores externos a seus próprios desejos em sua obra. Em seu livro, "De segunda a um ano", os diversos textos ali apresentados têm em comum o acaso em sua própria elaboração. A aleatoriedade influencia a forma tipográfica dos textos, a sonora, bem como o próprio conteúdo. Essa predisposição a interferências externas permearam todo o trajeto que este projeto percorreu. O acaso aqui não é bem um sorteio, ou um jogo de dados. Mas ela se faz na maneira como escolhi pensar a interação que este projeto teria com o público.

*1/2 estalo* é uma exploração ao redor de experiências estéticas. Mas meu interesse principal se encontra nesse momento em que ocorre a interação propriamente, mais do que a própria construção e aprimoramento do objeto ou ambiente. Sendo assim, tive que pensar sobre qual seria o papel do espectador no meu trabalho. Lygia Clark fala de um espectador ativo e livre que se torna, portanto, autor da obra. Em "A propósito da magia do objeto" (1965), ela nos fala do seu Caminhando e trata da função do artista e do espectador-autor.

É necessário que a obra não conte por ela mesma que seja um simples trampolim para a liberdade do espectador-autor. Esse tomará consciência através da proposição que lhe é oferecida pelo artista. Não se trata aqui da participação pela participação, nem da agressão pela agressão, mas de que o participante dê um significado ao seu gesto e de que seu ato seja alimentado por um pensamento, nesse caso a ênfase de sua liberdade de ação.

– Lygia Clark (1965), *A propósito da magia do objeto*

Foi pensando sobre a importância do espectador e sobre o desejo pela inserção do acaso no meu trabalho que comecei a delinear o espaço que seria mais propício para que ele toma-se forma. Para Foucault (2009), o espaço é entendido por posicionamentos. Estes são as relações de vizinhança entre pontos ou elementos. Nesse sentido, o contemporâneo se configura por funções dadas a ele em consequência de seus posicionamentos. Essa atribuição funcional gera oposições: privado e público, cultural e útil, lazer e trabalho. Há, contudo, locais de problematizações onde a rigidez se desfaz e onde é possível inverter os posicionamentos previamente designados a eles. Esses espaços de aberturas, segundo Foucault, são heterotopias, utopias que de fato se concretizam. A aposta aqui foi desenvolver uma ideia de experiência estética que se aproxime de uma heterotopia.

## o meu quadrado

Tenho pensado muito no lugar, no lugar do *1/2 estalo*. De certa forma, quero que os *estalos* que estou fazendo tenham o potencial de transformar um 'quadrado'. Mesmo que por um instante e só para pouquíssimas pessoas, cada *estalo* deve ser capaz de deslocar/descontinuar/inverter (não sei se uma dessas ações ou se todas) o sentido daquele local em que está colocado. Podia fazer isso entre quatro paredes, é claro. Mas me interessa mais pela circulação imprevisível que a rua trás. Gosto

da possibilidade de alcançar pessoas muito além dos meus círculos sociais.

O *estalo*, que nasceu dispositivo e ainda se configura como tal, só *estala*, é ativado de forma plena quando colocado na rua. Esse momento dos *estalos* na rua é uma abertura, um contraespaço produzido. Os conceitos de contraespaços e as chamadas heterotopias são explicitados no texto "*As heterotopias*", de Michel Foucault:

"Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços (...) Pois bem, sonho com uma ciência – digo mesmo uma ciência – que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as hetero-topias."

O meu quadrado se faz na rua para ter a possibilidade de transformar um momento cotidiano.

## dispositivo, materialidade, presença, tempo

Como fazer das experiências estéticas de *1/2 estalo* heterotopias? É necessário um intermediário, um dispositivo. Deleuze (1996) ao analisar a obra de Michel Foucault diz que este é um cartógrafo e que o mesmo produz uma filosofia dos dispositivos. Uma multiplicidade de linhas – de visibilidade, de enunciação, de subjetivação e de forças – para fazer funcionar uma tecnologia como um lugar de invenção. Há no dispositivo duas consequências que muito nos ajudarão a pensar experiências estéticas, são elas: o repúdio dos universais e a mudança de orientação que se detém na criação e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar (p. 92). A ideia, então, é criar dispositivos, máquinas de fazer ver e falar.

A materialidade é indissociável dos dispositivos. Gumbrecht (2010) fala, em seu livro “Produção de presença”, sobre a universalidade da interpretação e como essa visão metafísica, isto é, a de busca sentido em tudo, nos fez perder o contato com as coisas do mundo. Foi através da presença desses dispositivos, da possibilidade de interação dos passantes e dos demais elementos do espaço de circulação que ocorrem as aberturas para experiências estéticas. Esses objetos sonoros interativos foram, portanto, os facilitadores para a construção de experiências estéticas numa dimensão heterotópica.

24 de setembro, 2014. às 00:32

(...) o sentido não ignorará, não fará desaparecer os efeitos de presença, e presença física – não ignorada – das coisas, em última análise, não reprimirá a dimensão do sentido. A relação entre efeitos de presença e efeitos de sentido também não é uma relação de complementaridade (...). Ao contrário, podemos dizer que a tensão/oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido dota o objeto de experiência estética de um componente provocador de instabilidade e desassossego.

– Hans Ulrich Gumbrecht, *Produção de Presença: O que o sentido não consegue transmitir*. (2010)

Tal como o som de um *estalo*, os dispositivos possuem um caráter súbito e efêmero. O momento de colocá-los em funcionamento não é um evento, não existe divulgação, não se espera um público que saiba minimamente do que se trata o projeto. Eles são mais como acontecimentos. Sobreposições de entre-tempos (DELEUZE; GUATTARI, 2004). Existe neles uma temporalidade extrema (GUMBRECHT, 2010), o contato com os *estalos* ocorreu em janelas de tempo que abrem e fecham em lugares distintos sem aviso prévio. O inesperado é essencial para a possibilidade de descontinuar e transformar.

### **construção, oficina, reiszal**

O lado prático de  $\frac{1}{2}$  *estalo* se fez pela elaboração e 'implementação' de 3 dispositivos, que chamo de *estalos*. *estalo #1*, *#2* e *#3* foram três experiências com aproximações diferentes ao redor dos temas abordados nos capítulos anteriores. A construção conceitual e material deles foi feita cheia de idas e vindas. Descrevo a seguir cada um deles, com interrupções dos *posts* feitos em [meioestalo.tumblr.com](http://meioestalo.tumblr.com) que referem-se a elaboração dos mesmos.

23 de setembro, 2014. às 23:36

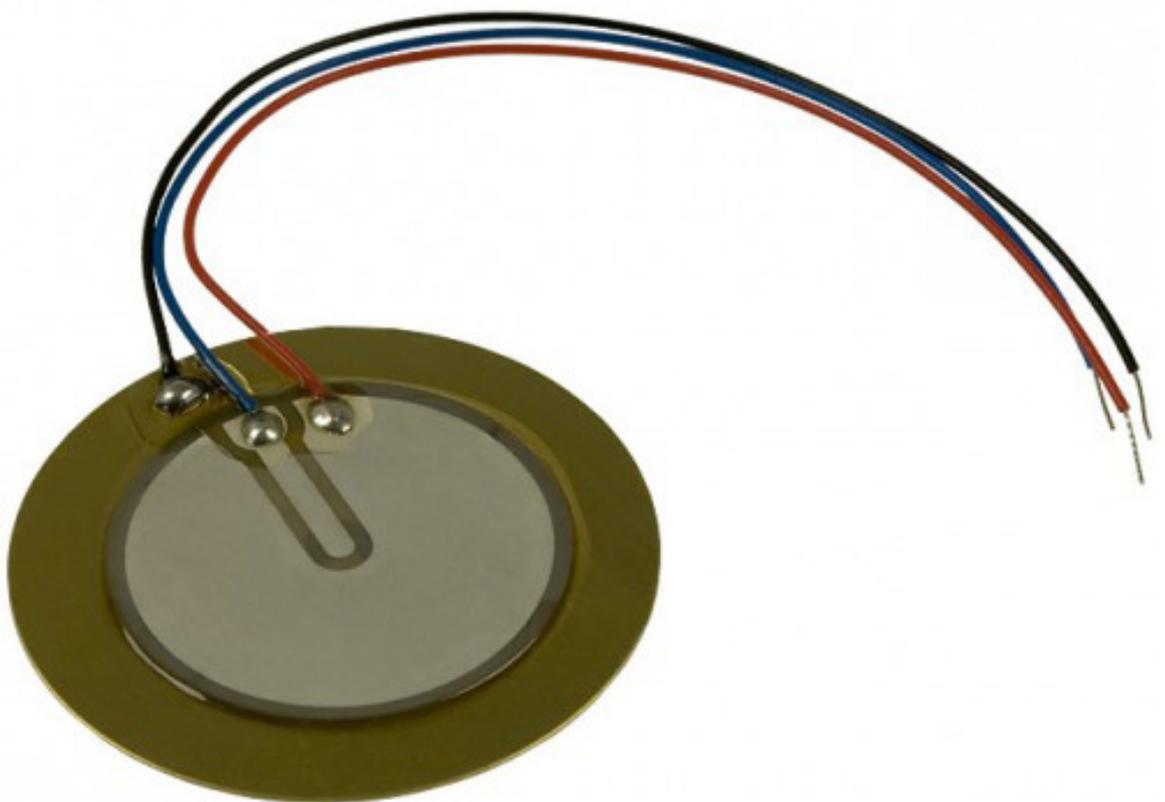
### ***estalo #1, #2 e #3***

Os estalos são súbitos até na hora que tenho que concebê-los. Não há, de fato, um momento específico para "hum, agora vou resolver o que vai ser o dispositivo que quero criar". Na verdade, não sei precisar bem as origens de cada um deles. É como se surgisse um interesse em produzir uma experiência estética muito específica. E as motivações para cada uma delas surgem, no geral, do contato com uma técnica, material ou equipamento específico. A opção estética pelo esquisito é deliberada e não há grande preocupação em dar aos objetos produzidos um 'ar de terminado'.

Eu tenho um interesse grande por tecnologias analógicas. Não é tanto por puro fetiche ou nostalgia de uma época que eu mal vivi, é por uma questão do que eu consigo atingir trabalhando com o físico, o que se perdeu com o digital. O *estalo #1*

(<http://meioestalo.tumblr.com/post/97735382883/receita>) lida com isso diretamente. A fita cassete quando sai de dentro da caixinha ganha uma nova dimensão, o tempo. Ele já estava presente, mas seu registro era impossível de alterar, ele se mantinha sempre linear. Quando colocada sobre a tábua, o perímetro da fita fica evidente e eu posso, então, tornar essa gravação descontínua. Em uma gravação digital, o input teria de ser necessariamente diferente do output. Mesmo que ele ainda se fizesse presente, eu teria dois arquivos distintos. Com o *estalo #1*, eu tenho sempre apenas um 'registro'.

O *estalo #2* começou com esse objeto:



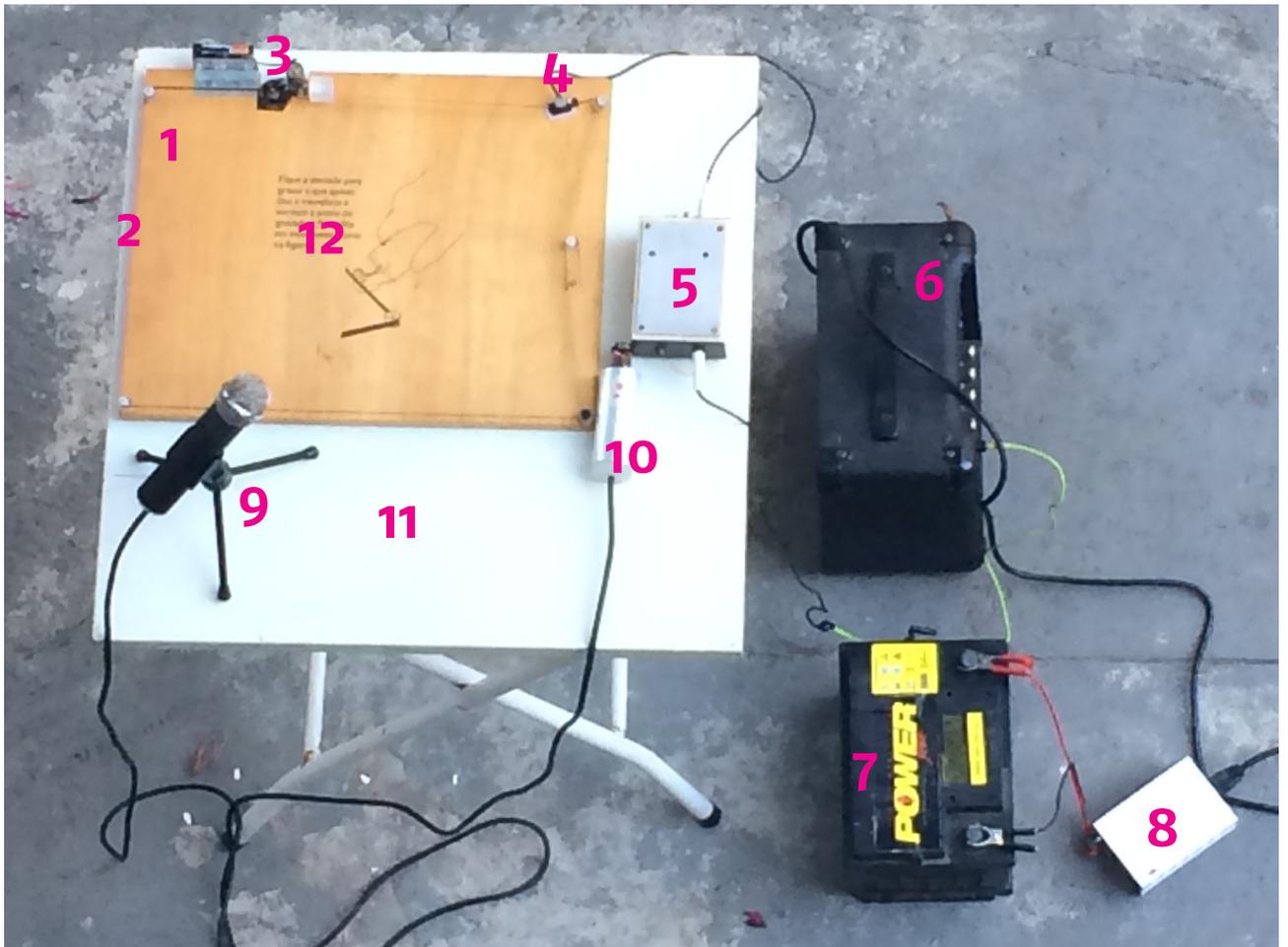
O piezo é um sensor que mede variações de pressão. Ele pode ser usado para fazer um (baratíssimo) microfone de contato. Isto é, ao

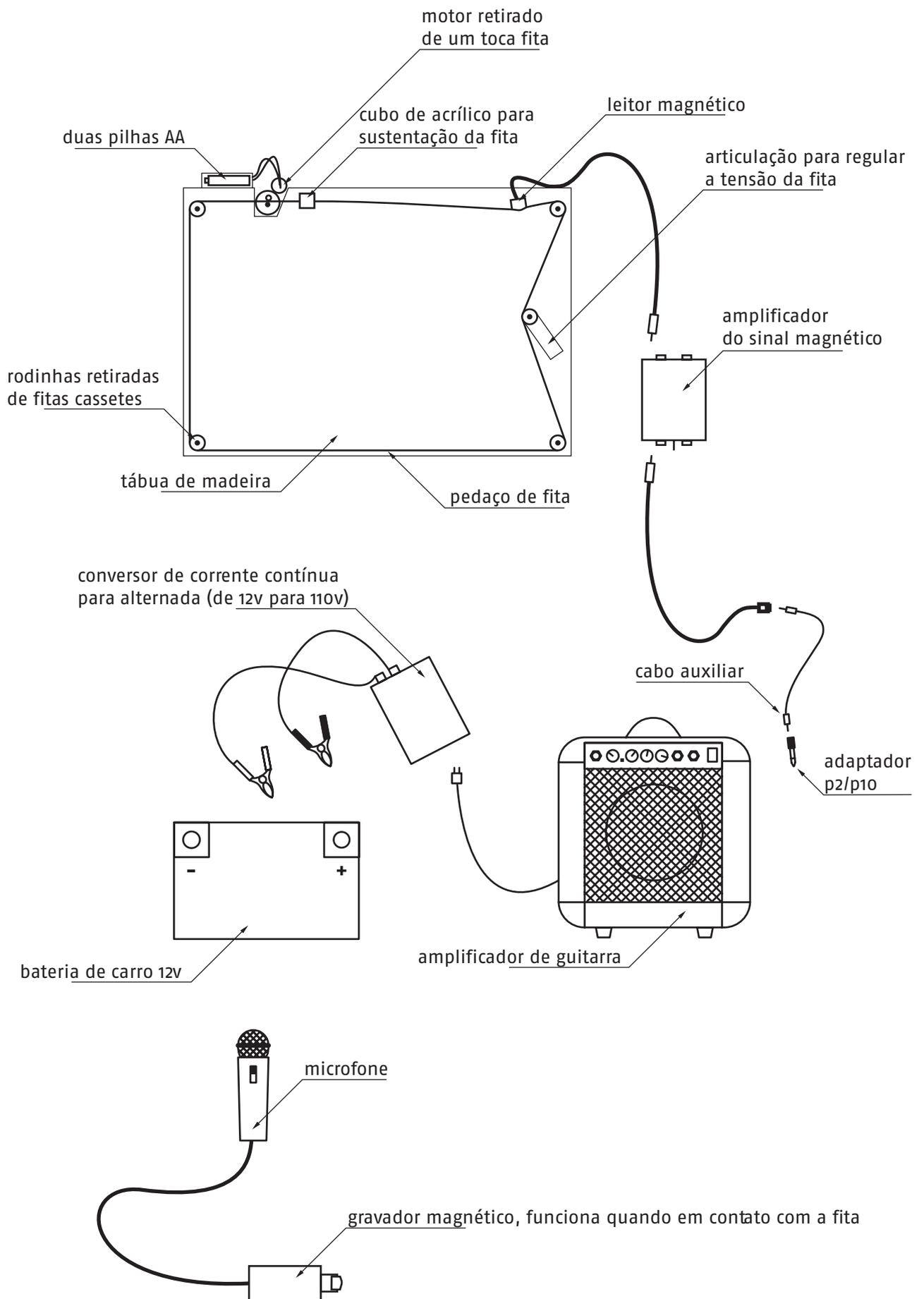
invés de capturar as ondas sonoras pelo ar, posso captar as vibrações dela em um meio sólido. Esse segundo *estalo* vai atrás de uma espécie de barulho de dentro. Ao contrário do *estalo #1*, não vou lidar com um registro próprio ao objeto. Quero que nesse tudo seja ao vivo. A repetição vai ter que partir da pessoa que interagir com o objeto.

O *estalo #3* ainda está bastante nebuloso. Mas sei que ele deve caminhar na direção de um objeto mais contemplativo que os demais. Na primeira apresentação feita à turma desse projeto, resolvi que seria uma boa ideia gravar o que eu tinha para dizer e colocar esse arquivo .mp3 para tocar do meu celular de dentro um balde de plástico, que funcionava como alto-falante. Acho que essa quebra de expectativa em relação ao local de onde o som está sendo emitido pode ser meu ponto de interesse nesse *estalo*.

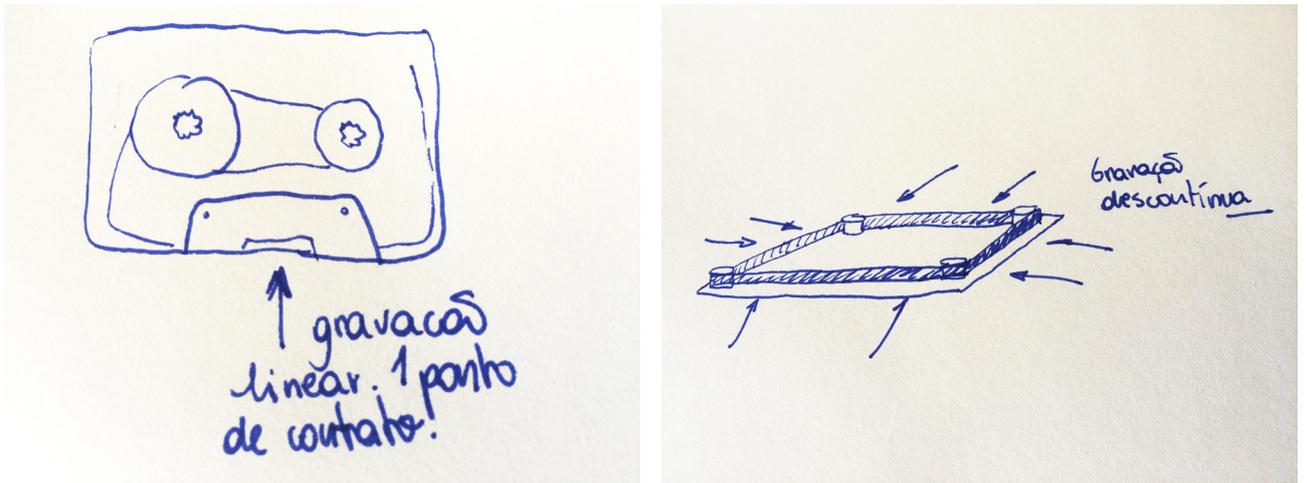
Acho importante deixar claro que não quero, em momento algum, aferir nada com eles, nem tampouco acho necessário produzir significados das experiências em espaços públicos. Mas me interessa bastante refletir sobre como é possível criar em um, ou talvez para um ambiente de circulação público. E os momentos de colocar os *estalos* na rua estão diretamente ligados a isso. Mesmo que nada concreto seja extraído desses acontecimentos, alguma transformação é sempre possível.

O estalo #1 foi composto por objetos encontrados. Um quase ready-made que de pronto pouco teve. Uma tábua (1) sobre a qual roda um pedaço de fita cassete (2) repetidamente. Acoplados a esta superfície estão o motor (3) e o leitor (4) de um antigo toca-fita que achei na minha casa. O sinal lido da fita é amplificado pela misteriosa caixinha de metal (5) que, por acaso, o professor Reizel tinha em casa. Tudo isso se liga a um pequeno amplificador de guitarra (6) que peguei emprestado com um amigo que pratica pouco o instrumento. A energia para o amplificador é fornecida por uma bateria de carro (7), que o mesmo amigo me emprestou, e um conversor (8) transforma a corrente de 12v em 110v. O microfone (9) apoiado sobre a mesa é uma *assemblage*: seu interior é o equivalente ao de um microfone externo de computador, um globo metálico que deixa qualquer tubo preto de aspirador de pó parecendo um microfone profissional. O gravador (10) conectado ao microfone, foi feito pelo professor Reizel a partir de peças de outro toca-fita que tinha em casa. A mesa (11) sustenta todas as partes e uma instrução (12) impressa em etiqueta transparente.





O primeiro *estalo* surgiu do questionamento sobre registros. A ideia era conciliar tempo e espaço como dimensões que influenciam nos registros criados e dar ao espectador-autor a possibilidade de escolha de onde e o que ele iria gravar.



Desenho ilustrativo das possibilidades de gravação que retirar a fita da caixa permite.

A construção do *estalo* #1 foi feita em uma série de visitas ao Motolab da Esdi onde contei com a ajuda do, sempre disponível, professor Fernando Reizel. Sem sua generosidade, esse *estalo* nunca teria saído da minha cabeça. As fotos a seguir são alguns registros desse processo. Algumas imagens foram retiradas de vídeos, disponíveis no dvd em anexo.

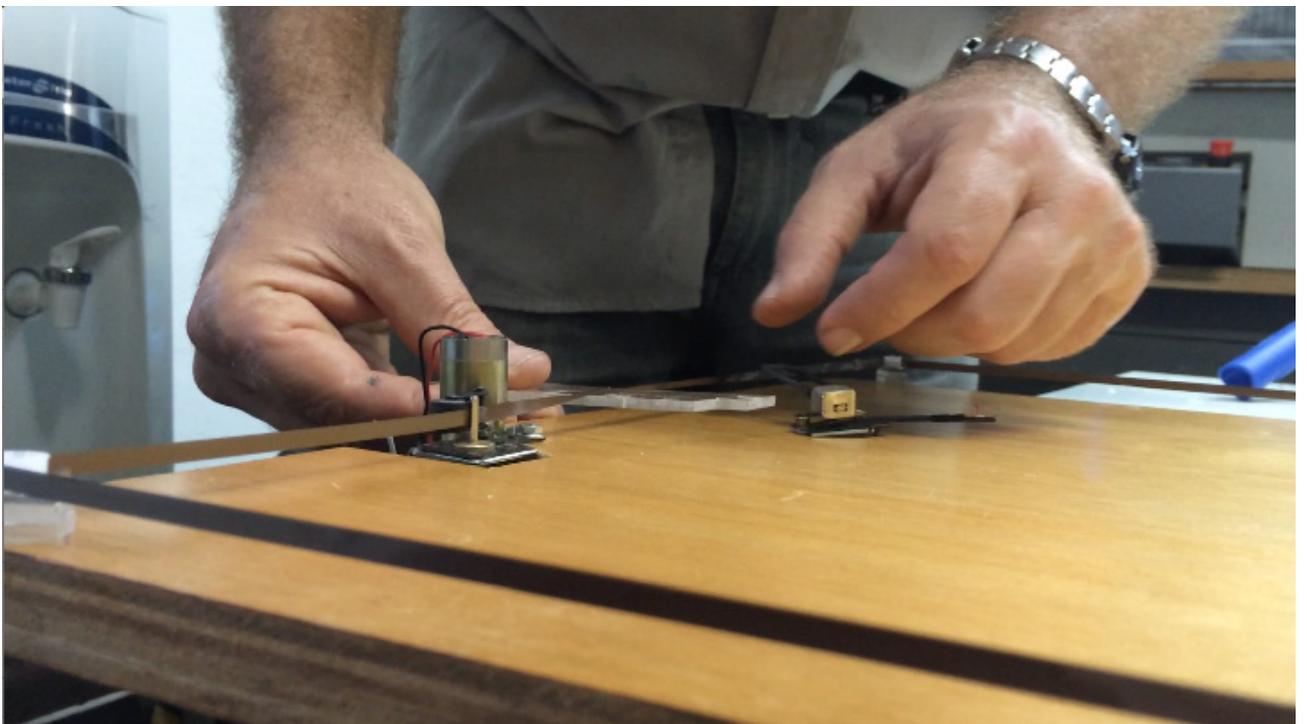
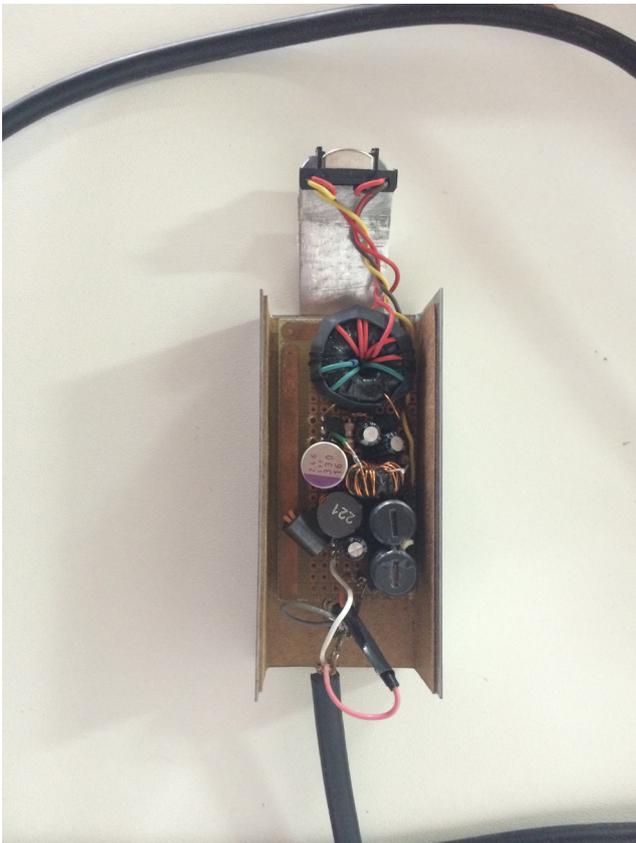
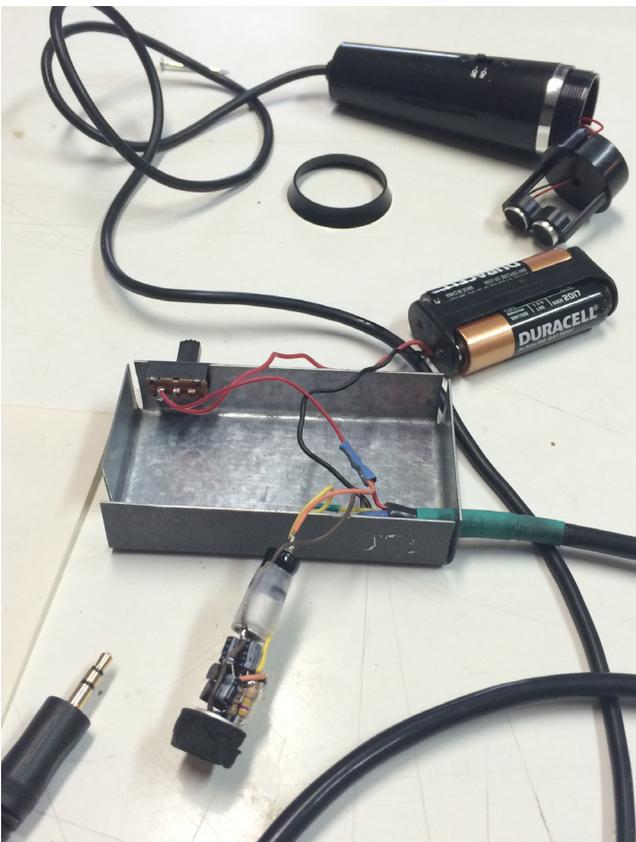


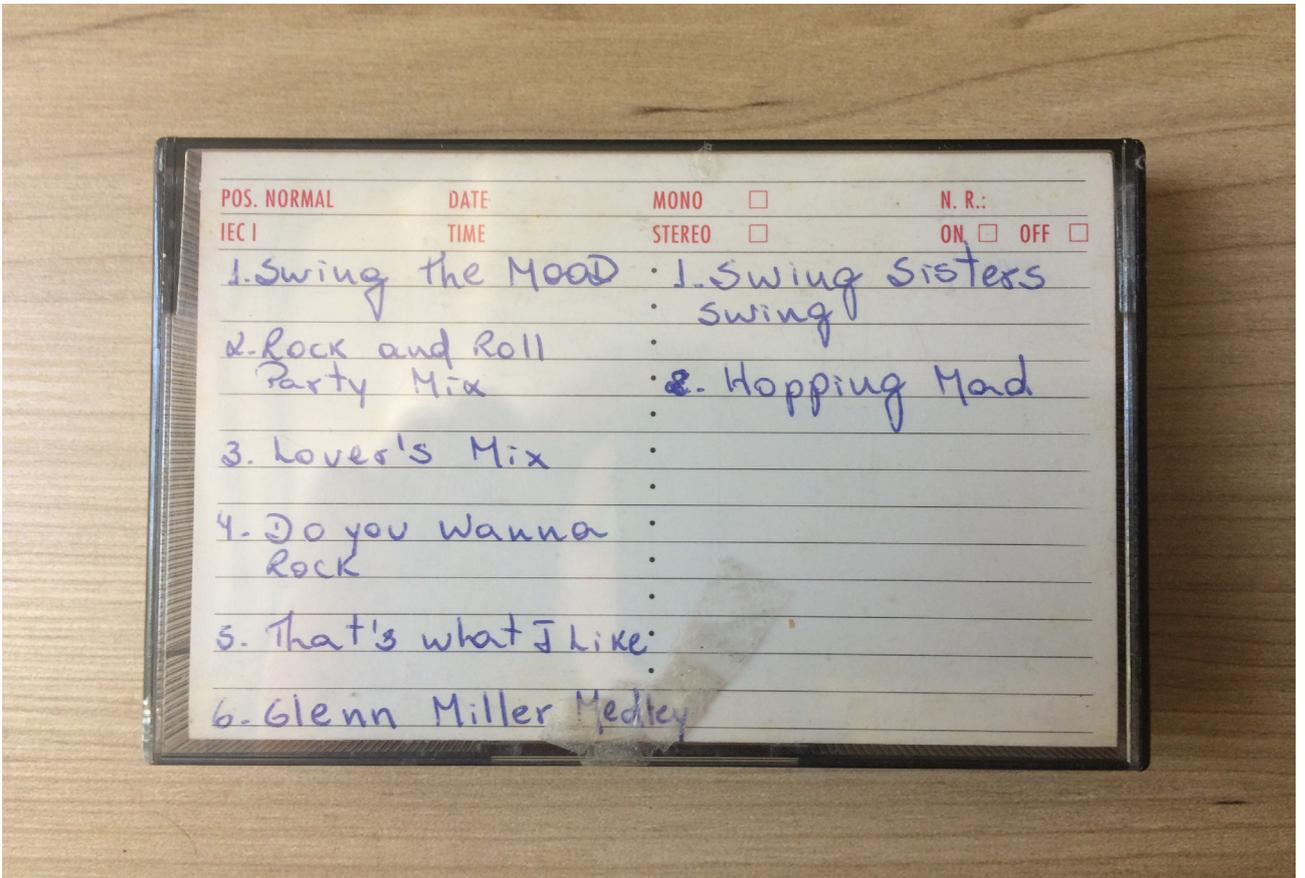
Imagem retirada do vídeo *processo\_estalo1\_01.MOV*. Foi necessário fazer um apoio para a fita, pois o movimento de rotação fazia com que ela se desalinhasse, movendo-se para baixo e saindo da área de contato com o leitor.



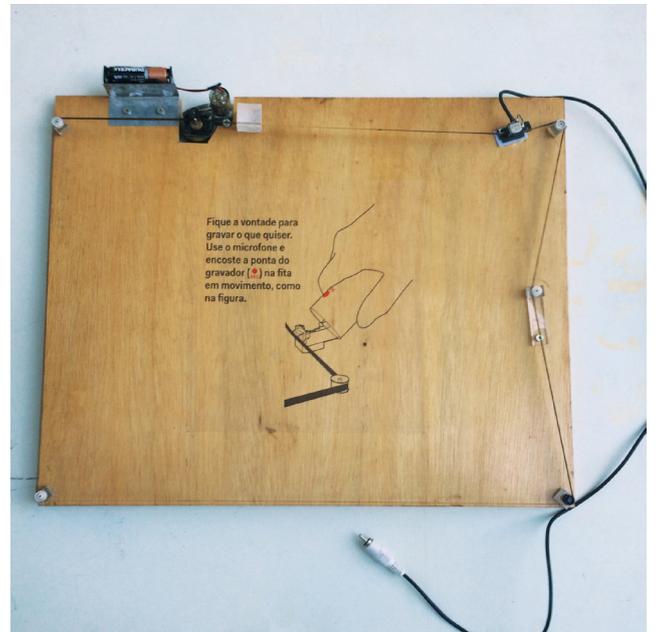
Fotos do gravador. O mecanismo eletrônico foi produzido pelo professor Reizel. Foi usado um tubo de alumínio para cobri-lo e evitar ao máximo a sensação de 'será que dá choque?'.



Fotos do microfone. À direita o mecanismo retirado de um microfone externo de computadores. À esquerda tudo já se encontra escondido dentro do tubo de aspirador de pó que estava na oficina.



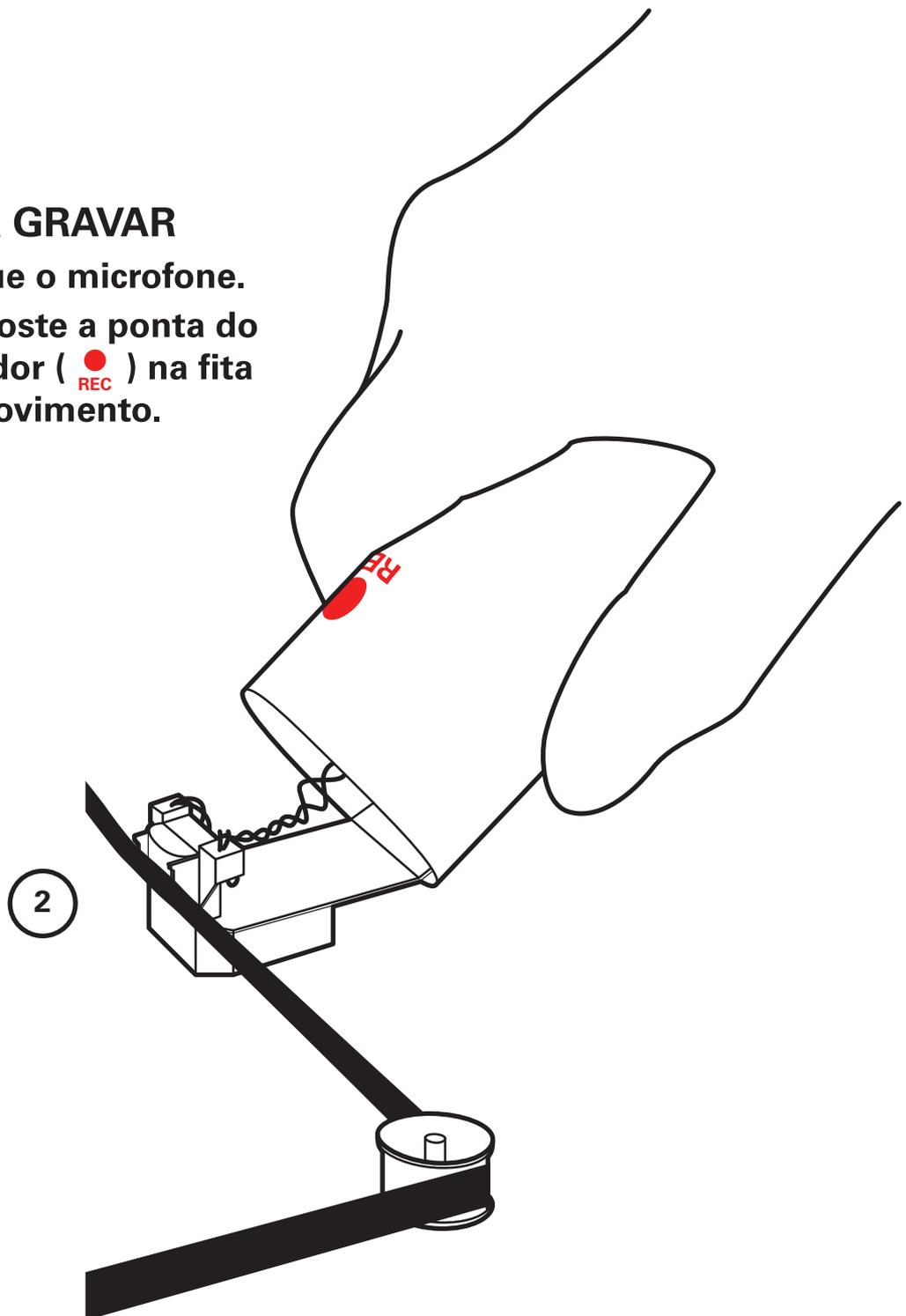
Desta fita saíram todos os pedaços de fitas usados desde os primeiros testes de do *estalo #1*. Em *processo\_estalo1\_vozdeesquilo.mp4* é possível ver e ouvir uma das primeiras vezes que este *estalo* funcionou. O motor teve que ser tensionado com uma mola para diminuir sua velocidade.



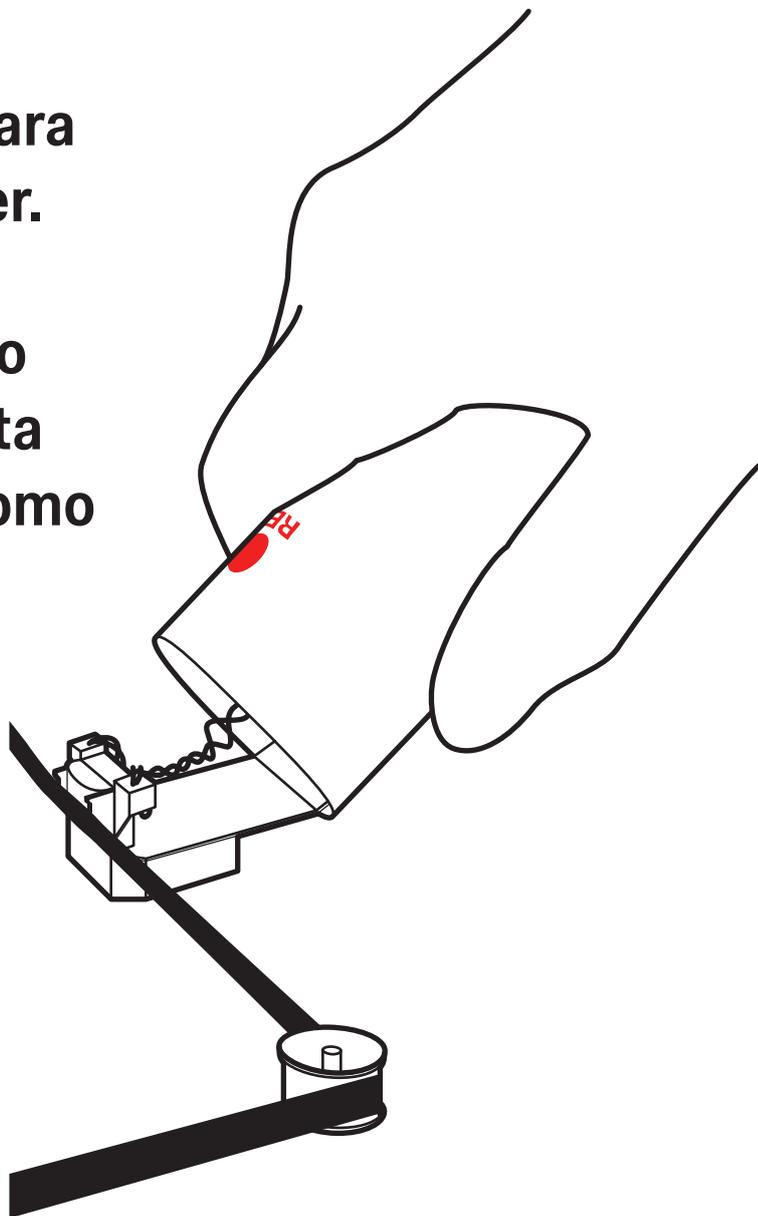
Para permitir a interação de outras pessoas com o *estalo #1*, foi necessária a elaboração de uma instrução. O desenho em vetor ilustra o movimento que se deve fazer com o gravador. Nas próximas duas páginas estão as duas versões de instruções usadas, em ordem cronológica.

## PARA GRAVAR

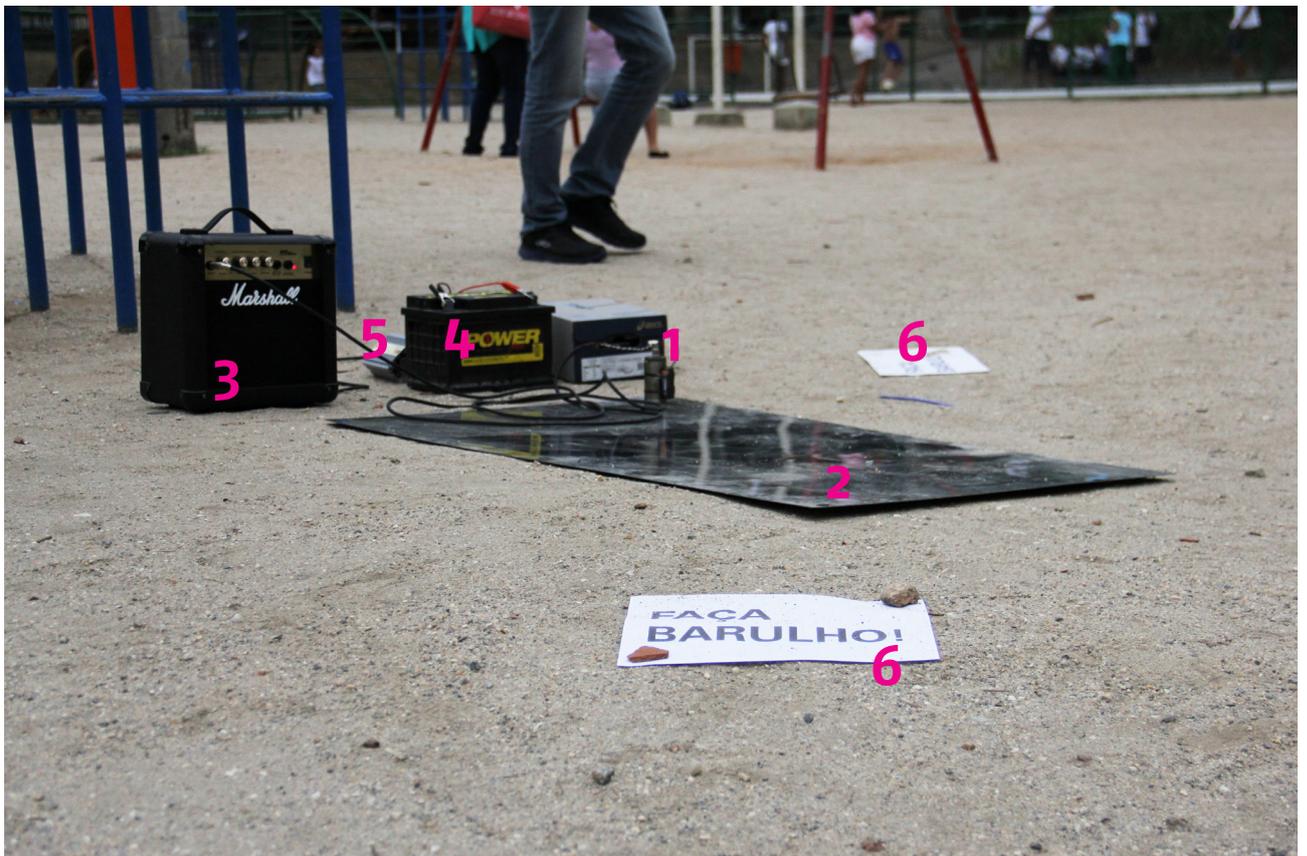
1. Ligue o microfone.
2. Encoste a ponta do gravador ( ● REC ) na fita em movimento.

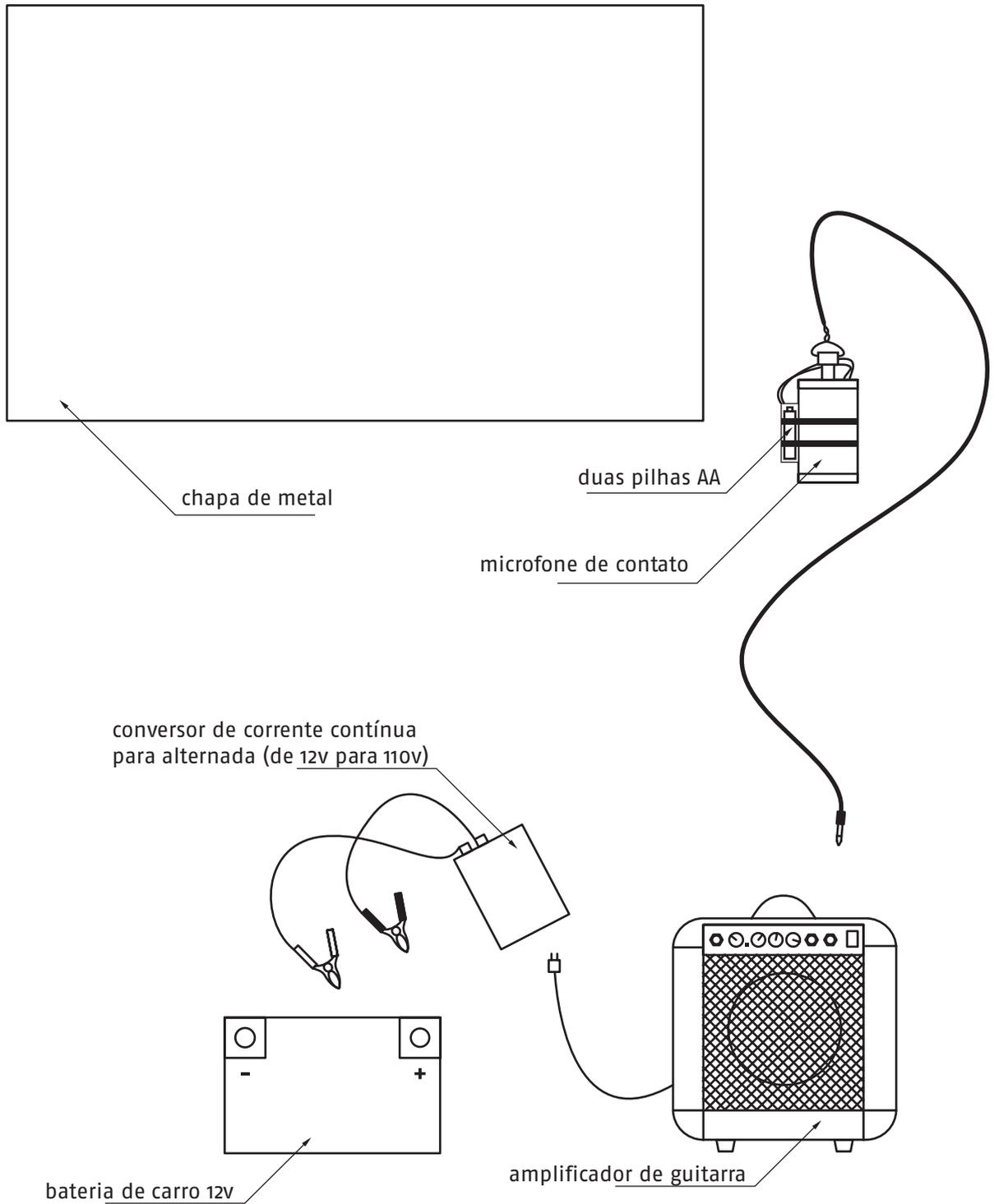


**Fique a vontade para gravar o que quiser. Use o microfone e encoste a ponta do gravador (●) na fita em movimento, como na figura.**



A experiência de criar e colocar o *estalo #1* na rua me influenciou a buscar formas mais simples de interação. O *estalo #2* surgiu pelo interesse em um movimento do corpo que faz barulho. O simples ato de pisar. Para construí-lo foi usado um microfone de contato (1), feito com um sensor piezo ligado a um cabo p2 de microfone. Este capta o som através de vibrações em uma superfície, e não pelas ondas sonoras transmitidas no ar, como um microfone comum. Usei uma placa de metal (2) que por acaso estava encostada atrás do meu armário (acho que em algum momento da minha adolescência, eu quis fazer meu próprio quadro de imãs. Nunca terminei). Tal como no primeiro, uso um amplificador de guitarra (3), a bateria de carro (4) e o conversor de correntes para fazer barulho e fornecer energia ao *estalo*. Ao contrário do *estalo #1*, o papel das instruções (6) está muito mais associado com uma permissão do que a uma explicação de como funciona o *estalo #2*. Toda a interação com este *estalo* é muito mais instintiva e os papéis impressos na jato de tinta que tenho em casa, funcionam como uma motivação.







Microfone de contato aberto. Alguns testes foram feitos usando uma espuma e mola para pressionar o sensor piezo contra a base do microfone de contato para que o sinal capturado fosse o mais intenso possível.



Teste com pedais de baixo e guitarra. Os pedais proporcionam distorções no som emitido pela placa. Contudo, acabei por decidir que a inserção deles na experiência apenas complicaria a interação – as distorções produzidas pouco podem ser percebidas, uma vez que, o som emitido pelo *estalo* #2 é 'barulhento' e não possui muitas variações.

A ideia para o *estalo #3* saiu de um experimento que fiz logo no início do ano. Um dia, anotei 'todos' os sons que ouvi numa viagem de metrô da Presidente Vargas até a Arcoverde (*processo\_estalo3\_escutametro.m4a* no dvd em anexo). Daí, surgiu a ideia de usar a descrição verbal de um som, ao invés do som em si. O *estalo #3* une 7 sons distintos de barulhos comuns em ambientes urbanos de circulação: 'buzina', 'freada de ônibus', 'toque de celular', 'passos', 'carro acelerando', 'vozes' e 'porta abrindo'.

Olhando de longe, tudo que se vê é uma caixa de MDF (1), dessas que se compra pronta na Casa Cruz, com a tampa com 7 campainhas enfileiradas, uma mesa (2), o amplificador (3), o conversor de corrente (4) e a bateria de carro (5).



08 de novembro, 2014. às 18:40

### o terceiro

Comecei a fazer o *estalo #3*. Ele vai ser uma espécie de teclado de descrições de barulhos. A ideia saiu de um exercício que eu fiz lá no começo do ano. Enquanto eu estava no metrô, anotei 'todos' os sons que ouvia da Presidente Vargas à Arcoverde. Há mais ou menos um mês eu me gravei lendo em voz alta essa sequência de barulhos ([https://soundcloud.com/di\\_dias/exercicio-de-escuta-metro-da-presidente-vargas-a-arcoverde](https://soundcloud.com/di_dias/exercicio-de-escuta-metro-da-presidente-vargas-a-arcoverde)). O terceiro *estalo* é uma derivação disso. Eu resolvi isolar descrições verbais de sons e criar um

'teclado', onde cada tecla é um 'tipo de barulho'. Como hoje já é dia 8 de novembro, e em menos de 20 dias eu vou expor o *1/2 estalo* lá na Esdi, precisava correr contra o tempo para tirar esse *estalo* da minha cabeça e do papel. Então, a meta é simplificar. Usando o Game Maker, fiz um falso jogo que emite um som para 7 teclas do teclado. E com um Makey Makey (essa coisa fantástica aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=rfQqh7iCc0U>) vou criar botões que correspondem às teclas do computador. Para fazer esse botões, vou usar campainhas. Todas idênticas, brancas, com um desenho de sino sobre o interruptor que é do tipo pulsador (vai e volta, *estala*).

Então, o que tenho de componentes até agora:

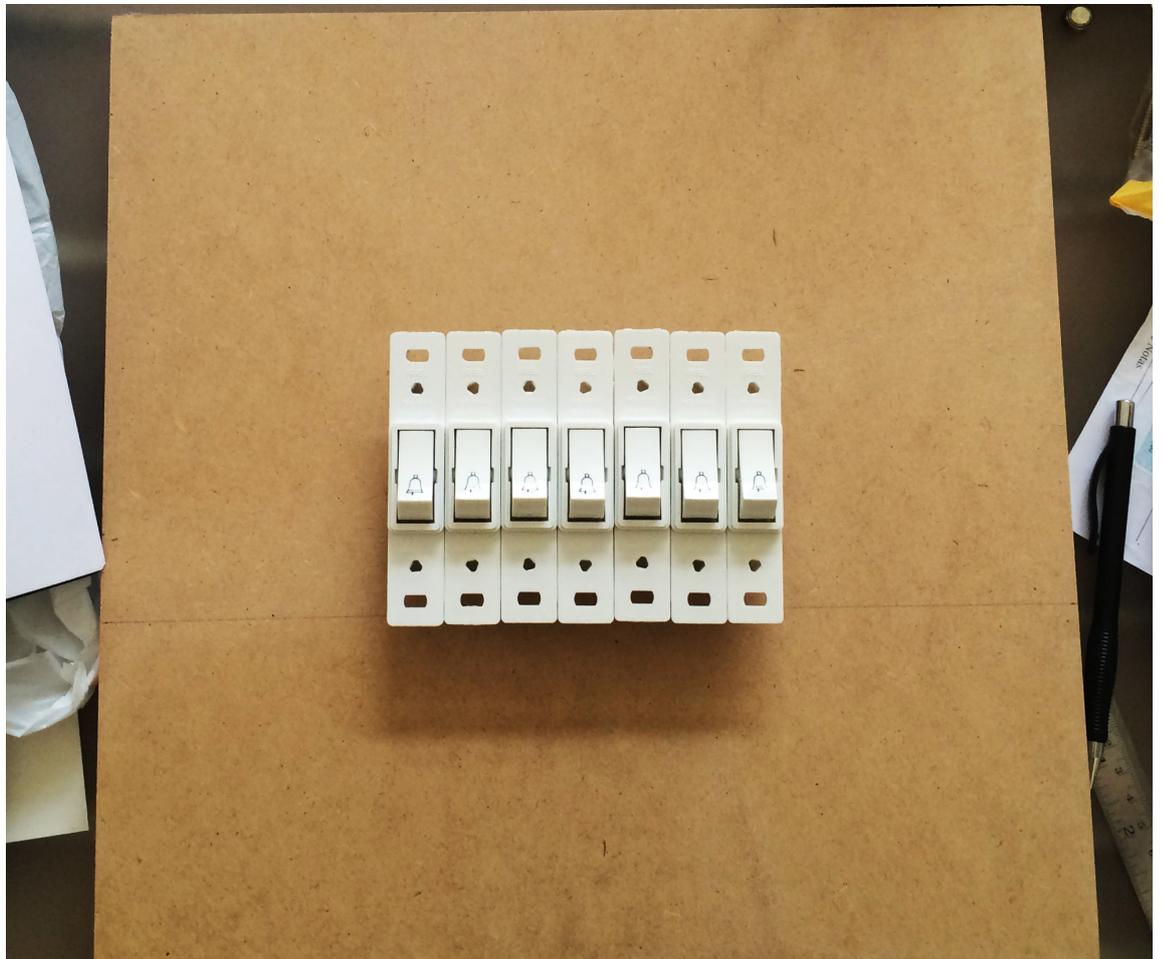
- 01 computador, para rodar o aplicativo do Game Maker;
- 01 Makey Makey, para fazer botões externos ao teclado do computador;
- 07 campainhas.

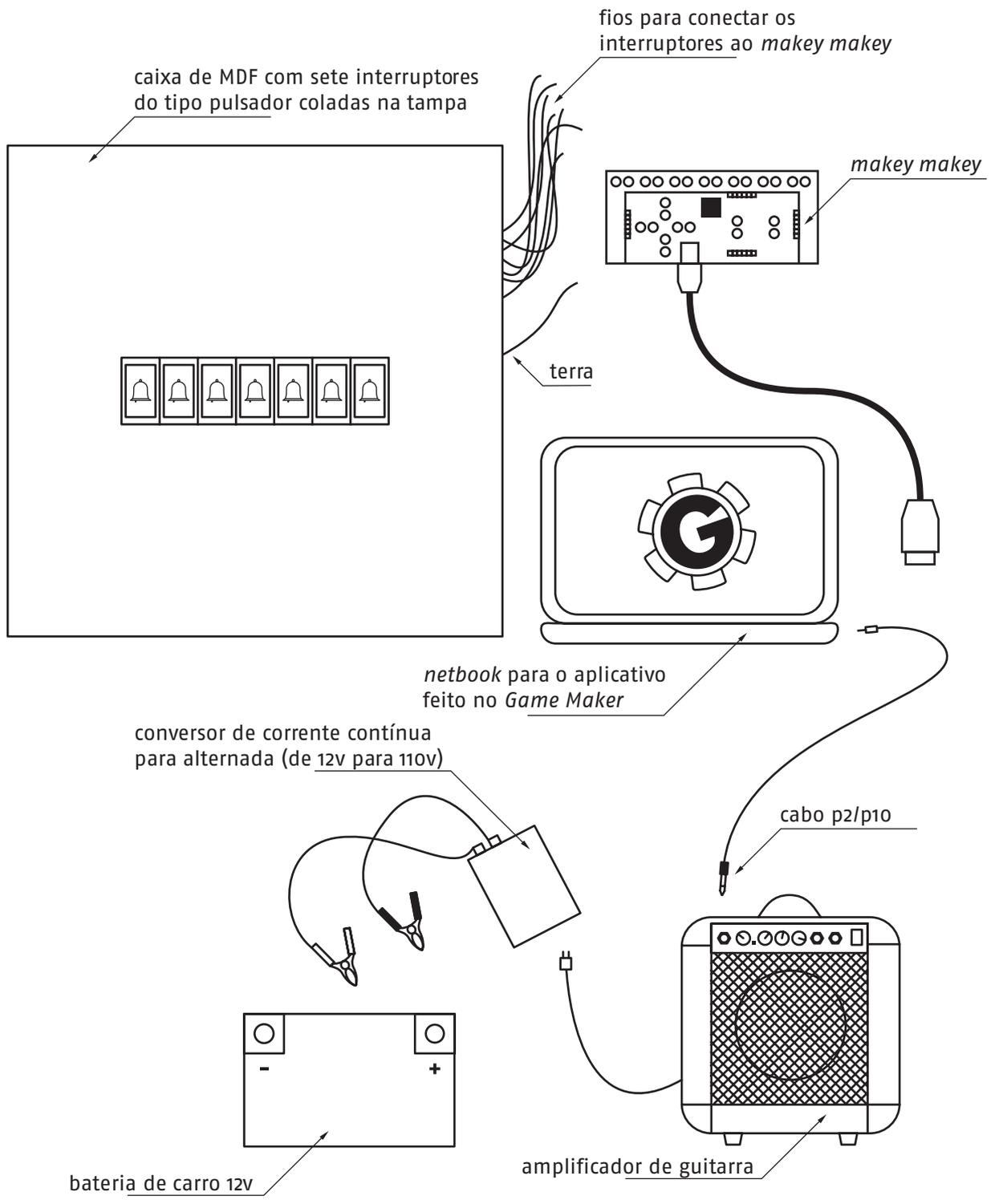
Só que, qual é a graça de um computador que emite sons? Nenhuma. Então preciso esconder o computador e Makey Makey, todos os fios e cabos; que, junto, fazem essa 'caixa preta' funcionar. Fora da caixa, só preciso mesmo das campainhas. Por isso, comprei uma dessas caixas de MDF que você encontra na Casa Cruz ou no Saara. Nela cabe o netbook, o Makey Makey, carregadores, cabos, fios e tudo mais. As campainhas serão instaladas na tampa da caixa.

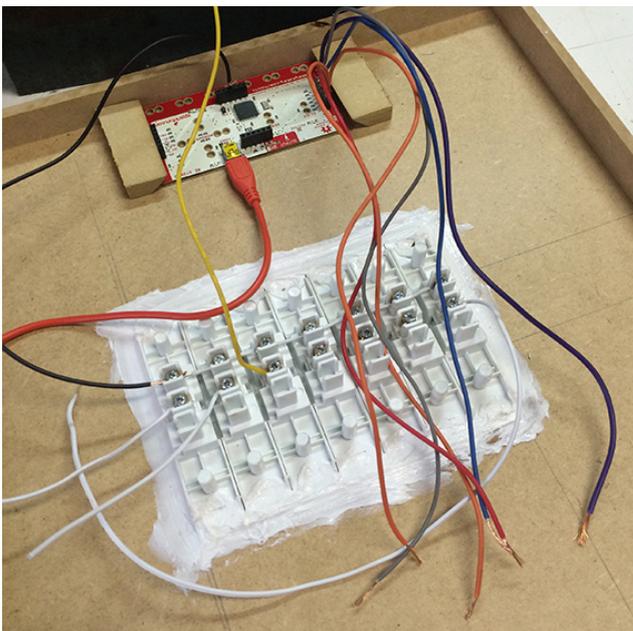
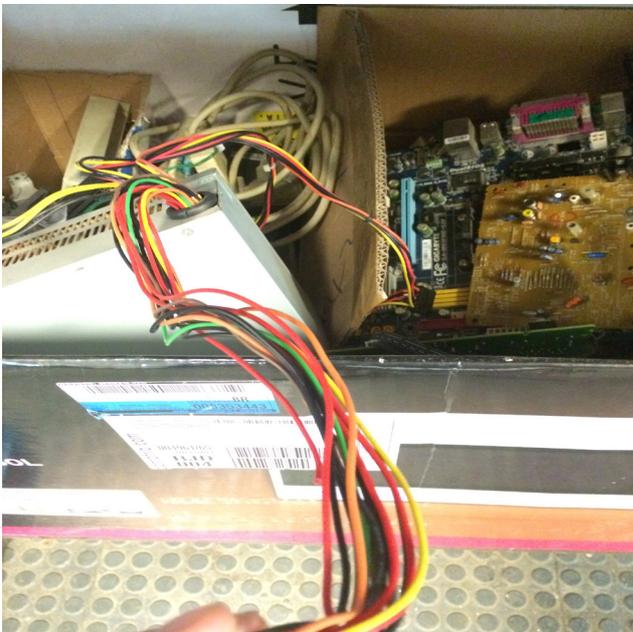
Aí fica a dúvida: como diagramá-las na tampa? As possibilidades são infinitas. E o fato é que poucos foram os momentos nas construções dos outros *estalos* em que eu me deparei com esse tipo de decisão. Todas as decisões estéticas e formais foram

imensamente guiadas por fatores externos. Há um caráter ready-made que permeia todos os *estalos*. Mas para definir a disposição dos interruptores na tampa dessa caixa de madeira, os fatores externos próprios aos objetos e elementos que compõem o dispositivo não são maiores do que outros aspectos arbitrários determinados por mim. Sendo assim, como decidir?

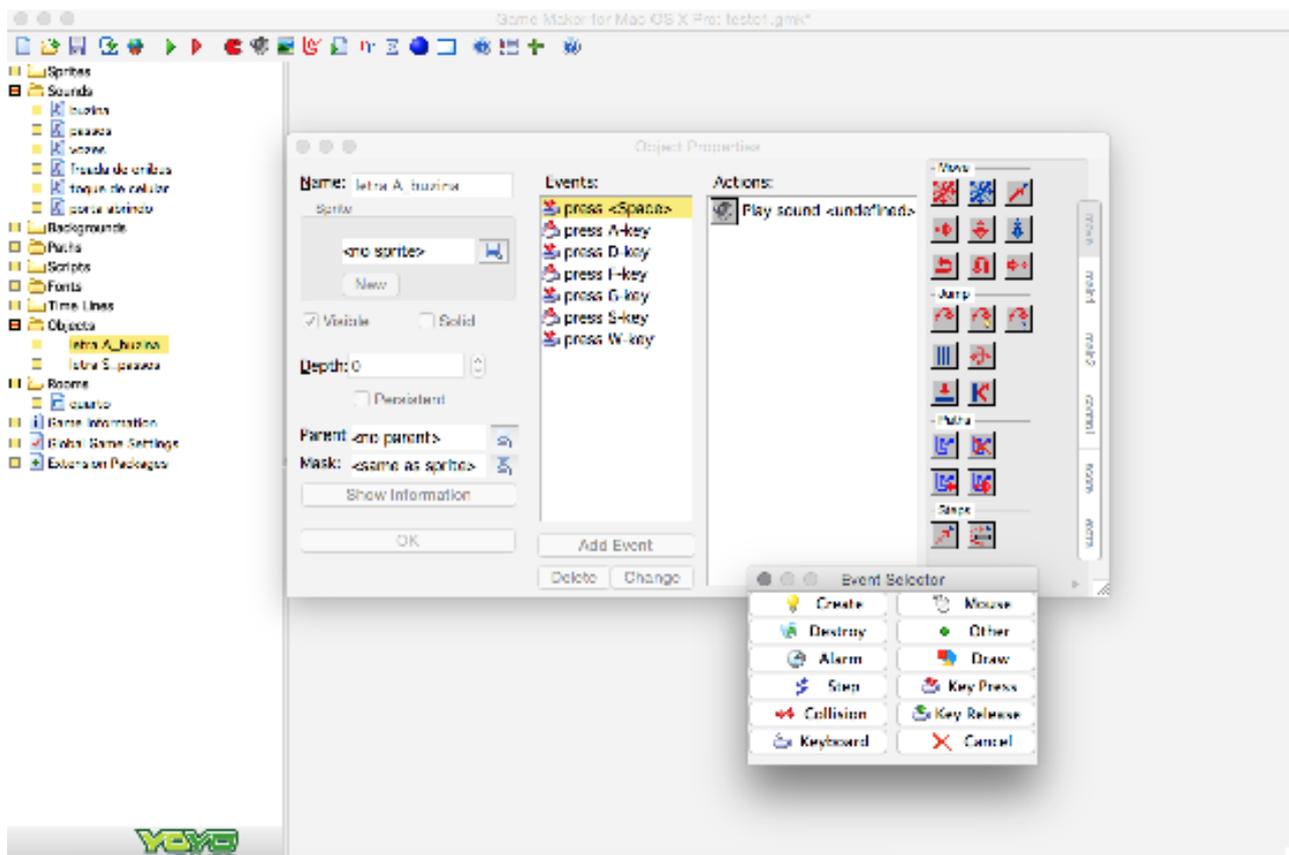
De primeira, penso logo neles lado a lado, coladinhos uns nos outros, como um teclado ou uma sequência de interruptores muito longa. Tudo no centro da tampa. Me parece uma solução razoável. Mas quais as diferenças efetivas de abrir um pequeno espaço entre cada um deles? Se, por um lado, me parece que quanto mais espaçados estiverem, mais fácil será para mais de uma pessoa interagir simultaneamente com o objeto, por outro, se uma mesma pessoa quiser apertar todas as campainhas de uma só vez com a palma da mão, isso será impossível. Aí penso na relevância efetiva de 15mm para que quatro ou mais mãos possam mexer com o *estalo* #3. Seguro todas as campainhas juntas e clico cada uma delas. Abro espaço entre elas e tento dedilhar como em um teclado. Peço ajuda, ouço opiniões. Tudo muito cheio de vontades e especulações arbitrárias. Devo tomar essa decisão com embasamentos estéticos, de interface ou por uma terceira via? Paro e penso, de que isso tudo realmente importa? O que eu quero com esse *estalo*? Um objeto finalizado ideal que garanta a melhor experiência possível? E como posso ter certeza se isso é realmente o que alcançarei, se não testar todas as alternativas possíveis?







Fotos da construção da tampa com interruptores que foram fixados com cola. Os fios usados para conexão com o *Makey Makey* saíram da sucata eletrônica disponível no Motolab, da Esdi.



Usando o software Game Maker, produzi um aplicativo que associava as teclas W, A, S, D, F, G e espaço aos sete sons de barulhos descritivos gravados.

## rua, interrupções, inesperado

Levar o trabalho para a rua foi fácil e difícil. O difícil é vencer o medo e a timidez e simplesmente ir. É fazer a lista de tudo que é preciso levar, não esquecer de nada, me manter organizada. A parte fácil era poder contar com alguns amigos que estiveram disponíveis para carregar comigo todas as tralhas necessárias para montar cada um dos *estalos*, sem contar os registros. Sophie McManis, aluna do primeiro ano da Esdi, foi minha diretora de fotografia em quase todas as vezes que coloquei os *estalos* na rua.

Foram mais de 10 espaços urbanos de circulação diferentes divididos entre: Centro, Zona Sul e Zona Norte do Rio de Janeiro. Em alguns momentos, tive vontade de chorar. Seja por causa da chuva, pela falta total de interação ou por um atropelamento. Mas em outros tantos,  $\frac{1}{2}$  *estalo* pareceu completo. Foi nesses momentos que encontrei o que não acharia em nenhum outro lugar. Teve criança indo e voltando para mexer no *estalo*; as que descobriam tudo sobre o seu funcionamento; adolescente que anda com máscara de cavalo pela rua; sorveteira que larga o carrinho para se entreter um pouco; criança que aumenta o volume do *estalo*, que repete seus sons; gente que leva susto com o barulho que não entende, que acha que é pegadinha ou coisa do Fantástico. A lista é enorme. E essa é, com certeza, a maior realização que eu poderia ter com esse projeto.

## fui à feira

Domingo é dia de feira. Semana passada eu fui à feira da J.J. Seabra, ali do lado do que foi meu dia-a-dia por tanto tempo. Olhando de cima, tinha ali um espaço ideal. Só esqueci que era 7 de setembro e que o feirante tinha tirado o domingo de folga – nada mais justo.

Quando cheguei lá, às quase 10 da manhã do domingo seguinte (hoje), meu espaço ideal não estava mais lá. Olhei dali, olhei daqui e resolvi mudar os planos. Filmar de cima não ia ser uma opção, então levei câmera e tripé para baixo para não deixar de montar esse *estalo*.

Na esquina da feira coloquei mesa, bateria, conversor, amplificador, microfone, gravador e toca-fita. O nervosismo era muito, mas foi bom ver que tudo é mais simples do que parece quando acontece, mesmo saindo fora do esperado.

Por vinte e poucos minutos fiz barulho na feira. Quase ninguém mexeu no dispositivo. Acho que ainda preciso diminuir o nível de estranheza desse *estalo*. Facilitar um pouco as coisas. Os curiosos apareceram, mas poucos fizeram mais de que olhar. Agora é fazer e refazer esse *estalo* ao máximo que puder. Sem esperar muito. Não tenho que encontrar o ideal.



## Sobre o *estalo #2*

Esse segundo dispositivo é tão mais simples de usar que o primeiro. As pessoas precisam se esforçar pouco para entender o funcionamento dele. Depois de uma ou duas pisadas, você já aprendeu a 'mexer'. A interação é bastante direta e não há tantas camadas. Ainda assim, algumas pessoas interagem com o *estalo #2* por mais do que dois simples toques.

É fato que os períodos de silêncio do objeto ainda são longos e presentes. Mas a simplicidade não parece fazer do *estalo #2* algo desinteressante ou chato. Coloquei-o para funcionar duas vezes. A primeira foi na Esdi mesmo. No meio do estacionamento, filmei de cima do Motolab do lado da árvore, para ficar um pouco mais disfarçado – a janela da biblioteca não me dava ângulo para filmar o *estalo* na parte com sombra do estacionamento. Dos 40 minutos que o *estalo* ficou lá, 10 deles foram de funcionamento contínuo. Um grupo de alunos do primeiro ano, que cresceu e diminuiu ao longo desse tempo, ficou ali e se divertiu com as possibilidades de sons e ritmos que encontraram.



Lá no Largo do Machado teve bicicleta, criança, amigos, sorvete e cavalo. A praça com uma saída do metrô tinha um fluxo contínuo de pessoas, ainda mais porque eram umas 17h de uma sexta quando o *estalo #2* foi pra rua. Bastante gente parou para, pelo menos, pisar de levinho na placa. O melhor de tudo, com certeza, foi a alegria.



13 de novembro, 2014. às 20:03

## atropelada

Estava tudo indo mais ou menos como esperado. Montei o *estalo #1* de novo – tenho poucas boas imagens e áudios dele na rua. Então foi o que eu fui fazer. Como eu imaginava, ninguém mexeu nele. Depois de 30 minutos de nenhuma interação, parecia o suficiente.

Foi aí que eu me distraí. Deixei a tábua do *estalo* sobre o carro e simplesmente esqueci ela lá. Saí com o carro e na primeira curva, ela caiu. Dei sorte. Muita sorte! Ela não machucou ninguém, nem caiu em nenhum carro. O que aconteceu? Foi atropelada por um ônibus. Fiquei a viagem de volta toda me

xingando e rindo do que tinha acontecido. Tão absurda foi a situação que demorei muito para acreditar. Amanhã eu vejo se tem concerto. Hoje, só quero me esconder.



Na rodoviária Novo Rio o segurança não autorizou a montagem do *estalo* sem aprovação dos superiores, na gerência não tinha ninguém que pudesse resolver a questão na hora.

Depois das idas à rua editei um vídeo com alguns momentos de abertura que ocorreram. Aglomerei heterotopias. As 'locações' foram: a Esdi, uma feira de domingo na Lagoa, Largo de São Francisco, Largo do Machado, Praça Afonso Pena, Praça Nelson Mandela, Campus da UERJ Maracanã (dentro e fora do prédio, choveu nesse dia), Jardim do Museu da República e Museu de Arte Moderna. As imagens abaixo foram todas retiradas do arquivo *videoRegistros.mp4*.











## **tiro de misericórdia, dia do juízo final, ARREMATE**

Uma parte essencial do  $\frac{1}{2}$  estalo foram as formas que encontrei de compartilhar o que estava sendo produzido com outras pessoas. [meioestalo.tumblr.com](http://meioestalo.tumblr.com) é um espaço virtual em que eu pude refletir publicamente sobre o que estava sendo feito, enquanto ir para a rua fez dos espectadores autores. Mas até o início de novembro, o desejo de unir as duas formas de compartilhamento ainda não havia tomado forma. Nessa época, conversando com amigos que também estavam fazendo projeto final, decidimos nos unir para realizar um evento, uma espécie de vernissage para expor nossos trabalhos, um ARREMATE.

“Arremate” é o ato que completa, termina, põe fim em qualquer coisa.

A intenção deste evento é apresentar alguns dos trabalhos de conclusão do curso de Desenho Industrial da ESDI, em 2014.

Abrimos para experimentação e observação do público projetos que demandam e se sustentam da interação das pessoas ou da presença de espectadores; projetos que, para se finalizarem, precisam se expor ao mundo, para que sua presença faça sentido e provoque sensações, reflexões e conversas.

O evento é gratuito e aberto. Pedimos que cheguem cedo a fim de prestigiar todos os trabalhos com a calma e atenção que merecem. Venham todos, e convidem seus amigos!

• • • • • PROGRAMAÇÃO • • • • •

18h. abertura das exposições:

“ $\Delta$ s” – Tiago Lombardi

$\Delta$ s: entropia gráfica em sistemas autônomos é uma exibição multimídia que reinventa significados e funções, lidando com os limites entre o programado e o aleatório, e modificando o estado da matéria.

"1/2 estalo" – Diana Dias

O conjunto de três *estalos*, objetos sonoros interativos, foi colocado diversas vezes em espaços públicos de circulação. Os registros de alguns momentos de aberturas em rotinas cotidianas, bem como os *estalos* serão expostos nesse Arremate.

"Nenhuma futilidade será permitida" – Fernando Chaves

Exposição que pretende instigar o pensamento crítico acerca de ideias propagadas por expoentes do design gráfico. Mais informações em <http://goo.gl/dDAVl2>

"Pista" – Eeve Avila

"Pista" abre a fissura da presença/ausência dos moradores de rua através da instalação de uma sinalização criada pelos próprios, que compõe e subverte os espaços da cidade.

.....

20h. sessão de estreia de curta-metragem:

"Ciclotopia" – Ísis Daou (23 minutos)

O filme *Ciclotopia* é uma observação da presença da bicicleta nos dias de hoje, e uma reflexão sobre suas possibilidades no amanhã. Através de relatos das experiências individuais e coletivas de quem pedala no espaço urbano, investigamos cenários para um futuro mais amigável ao ciclismo no Rio de Janeiro.

.....

18:30/19:30/20:30/21:30. sessão de áudio-narrativa:

"Diálogos – só não existo" – Andrea Pech (50 minutos)

A instalação sonora leva o que era privado a

público, exibindo relatos de participantes de sete encontros silenciosos. Estes encontros e seus relatos compõem uma investigação sobre a demonstração e o registro de afetos, explorando a presença da ausência em relações pessoais.

(o trabalho ficará em loop com sessões livres, iniciando de hora em hora, a partir das 18:30)

.....

Os livros do projeto para/grafia, autoria de Flora de Carvalho, estarão à venda à noite toda. Não trabalhamos com cartões, portanto, levem dinheiro vivo para suas compras. É PRA ACABAR O ESTOQUE, PESSOAL!

.....

22h. Confraternização/festejo:

Vamos ter musiquinhas, bebidinhas e comidinhas.



Imagem de capa do evento de divulgação feito no Facebook.

Os preparativos rodaram em torno de decisões de sobre onde colocar os *estalos*; iluminação; qual seria a melhor forma de passar o vídeo de registros e sobre o texto de apresentação do projeto.



O plano inicial era colocar os três *estalos* e o vídeo de registros na área externa da Esdi. A intenção era que o ambiente fosse o mais próximo possível da situação de uma praça. A iluminação seria a dos próprios postes do estacionamento.



Para exibir o vídeo editado, peguei emprestada uma televisão de tubo com minha tia. A TV produz presença tal como os *estalos*. A armação de ferro ao lado encontrei no subsolo da Esdi.

O evento aconteceu no dia 27 de novembro e desde o dia 20 eu chequei a previsão do tempo de hora em hora. A chuva era quase certa, 90% de chance. Pouco a pouco fui me dando conta que não teria como escapar de montar a exposição dentro de uma das salas de aula. Foi, então, na sala do 3º ano que *1/2 estalo* aconteceu. De última hora, improvisei uma iluminação. Comprei seis bocais e lâmpadas incandescentes e usando os benjamins extras que havia trazido de casa, as luminárias estavam prontas.



Especialmente para a exposição, escrevi um texto sobre o projeto. A ideia era compartilhar com todos que fossem ao ARREMATE um pouco sobre motivações e reflexões que permearam *1/2 estalo*. O texto foi impresso em A2 e empranchado em cartão pluma. Na próxima página é possível ver o texto tal como ele foi impresso para o evento.

*1/2 estalo* são conjuntos. Conjuntos são coleções, grupos de elementos, finitos ou infinitos, que têm características comuns. *1/2 estalo* são aglomerações de desejos e acúmulos de acasos. Nunca houve um plano direto com um objetivo final bem definido. Foi construído como ensaio, se transformando em suas idas e vindas. A materialização do projeto se faz na forma dos *estalos* e de registros expostos nesse Arremate.

A série de 3 objetos sonoros interativos – os *estalos* – possui um caráter de lente de aumento. Com enfoques distintos, os 3 lidam com gestos e ações corriqueiras, que no geral não são percebidas – banalidades sonoras.

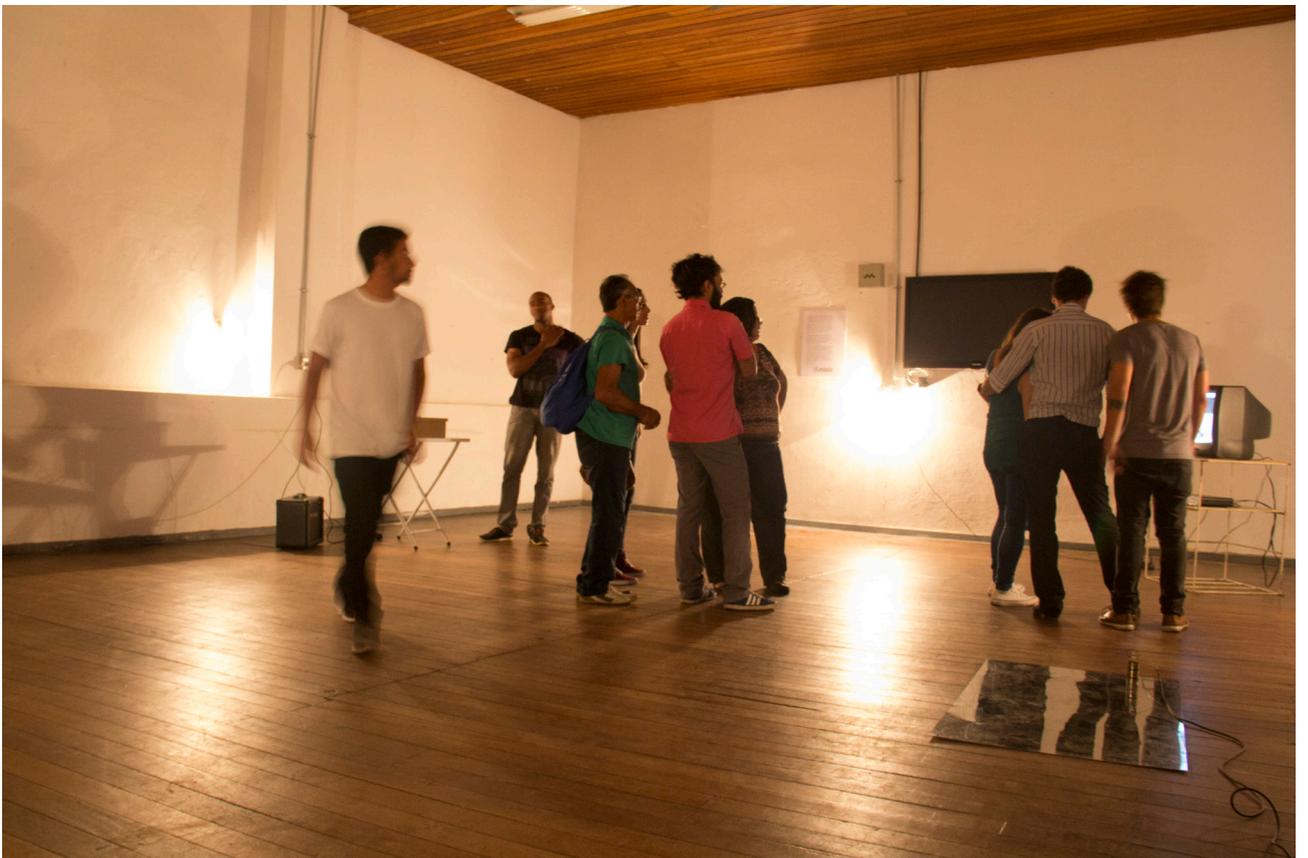
Os *estalos* se transformam quando em uso e só assim existem por completo. Colocá-los na rua é uma forma de potencializar o acaso como força atuante. É da inserção em espaços públicos urbanos de circulação que surgem momentos de aberturas em rotinas. Momentos em que talvez seja possível criar experiências estéticas em ambientes cotidianos e concretizar minha pequena utopia.

*Diana Dias*

# *1/2 estalo*









O evento começou às 18h e acabou por volta de 01h. No total, cerca de 100 pessoas passaram pela Esdi e puderam dividir conosco os trabalhos que eu, Andrea Pech, Eeve Avila, Fernando Chaves, Flora de Carvalho, Ísis Daou e Tiago Lombardi fizemos durante o ano. O público era composto principalmente por professores e alunos da Esdi, familiares e amigos dos alunos com projetos expostos. No final da noite, a sensação geral era de satisfação. Pessoalmente, acredito que o ARREMATE foi mais uma heterotopia. Os trabalhos expostos experimentam e buscam expandir as fronteiras do que é ou não é design. E na noite do dia 27 de novembro as salas de aula e estacionamento abriram-se para tantas outras possibilidades.

### conclusão, paradeiro, prole, sobremesa

no questions,	there are no answers .	If there are
,	then, of course,	If there are questions
final answer	there are answers	but the
,	makes the	questions
whereas the questions,	up until then,	seem absurd
than the answers	. (CAGE, 1961, p. 118)	seem more intelligent

*1/2 estalo*, como o nome sugere, sempre foi mais sobre o que era intermediário, o processo – tirar conclusões não era o objetivo principal. Por isso, esse foi o capítulo mais difícil de escrever nesse relatório.

No meu 1º ano na Esdi, tenho a impressão que metade das aulas eram sobre o que era e o que não era design. Essa obsessão por restrições me aprisionou por algum tempo. No auge do 3º ano quase colapsei perdida sem achar onde era o meu espaço nessa caixinha com tantas divisões que pareciam tão importantes. Em 2012, fugi por um ano. Morar na Holanda me deu um novo fôlego (valeu, Dilma). Me mostrou o que eu no fundo no fundo já sabia. Restrições me paralizam.

Este projeto final é, por isso, uma aposta em práticas de liberdades. Liberdade é pensar sobre o que se faz, problematizar e não se permitir parar nunca. E foi isso que me propus a fazer com o *1/2 estalo*. Andar sobre fronteiras, me perguntar o tempo todo “para que?” e “porque?” foram as motivações e objetivos deste trabalho. Não existe aqui uma resposta final verdadeira. O que sei foi que *1/2 estalo* permitiu me transformar, expandir no meu modo de ser uma via de comunicação. Foi nos momentos em que me abri para o máximo de interrupções possíveis que ele e eu crescemos mais. *1/2 estalo* é uma aposta de viver sem me conformar.

## referências bibliográficas

CAGE, J. *De segunda a um ano*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cobo-  
gó, 2013.

\_\_\_\_\_. *Silence: lectures and writings*. Middletown: Wes-  
leyan University Press, 1961. Acessado em maio de 2014.  
Disponível em: <https://archive.org/stream/silencelecturesw-1961cage#page/n7/mode/2up>

CARNEIRO, B.S. *Relâmpagos com claror: Lygia Clark e Hélio Oiticica, vida como arte*. São Paulo: Imaginário, FAPESPE, 2004.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, G. *O misté-  
rio de Ariana*. Lisboa: Veja, Passagens, 1996, p.83-96.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* 2ª ed. Rio de  
Janeiro: Ed. 34, 2004a.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo:  
n-1 edições, 2013.

\_\_\_\_\_. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III:   
estética: literatura e pintura, música e cinema*. 2ª ed. Rio de  
Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 411-422.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. 2ª ed.  
Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GUMBRECHT, H. U. *Produção de presença: o que o sentido  
não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins  
Fontes, 2012.

## sites

<http://meioestalo.tumblr.com/>

<https://www.youtube.com/watch?v=2jU9mJbJsQ8>

[http://www.lygiaclark.org.br/arquivo\\_detPT.asp?idarqui-  
vo=20](http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarqui-<br/>vo=20)

<https://www.youtube.com/watch?v=rfQqh7iCc0U>